



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS - CECEN
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA - CLM

SIMONE DOS SANTOS CABRAL MORAIS

**O EDUCADOR MUSICAL EM FORMAÇÃO: Uma reflexão sobre os desafios
vivenciados no C.E. Prof. Newton Neves em Itapecuru-Mirim**

São Luís
2019

SIMONE DOS SANTOS CABRAL MORAIS

**O EDUCADOR MUSICAL EM FORMAÇÃO: Uma reflexão sobre os desafios
vivenciados no C.E. Prof. Newton Neves em Itapecuru-Mirim**

Monografia apresentada ao curso de Música da
Universidade Estadual do Maranhão para
obtenção do grau de Licenciada em Música.

Orient.: Prof. Me. José Roberto Froes da Costa

São Luís
2019

Morais, Simone dos Santos Cabral.

O educador musical em formação: uma reflexão sobre os desafios vivenciados no C. E. Prof. Newton Neves em Itapecuru-Mirim / Simone dos Santos Cabral Moraes. – São Luís, 2019.

70 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Música, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Prof. Me. José Roberto Froes da Costa.

1. Ensino de música. 2. Estágio do ensino médio. 3. Professor em formação.

I. Título.

CDU:78:377.8(812.1)

SIMONE DOS SANTOS CABRAL MORAIS

**O EDUCADOR MUSICAL EM FORMAÇÃO: Uma reflexão sobre os desafios
vivenciados no C.E. Prof. Newton Neves em Itapecuru-Mirim**

Monografia apresentada ao curso de Música da
Universidade Estadual do Maranhão para
obtenção do grau de Licenciada em Música.

Aprovado em: 16/12/2019

Média: 9,75

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. José Roberto Froes da Costa (Orientador)
Mestre em Música (Performance – Leitura, Escuta e Interpretação)
Universidade Estadual do Maranhão

Profa. Esp. Francilourdes Carvalho Pinto Trindade
Especialista em Educação Aplicada à Performance Musical
Universidade Estadual do Maranhão

Profa. Esp. Marlene Maciel França Pontes
Especialista em Educação Musical
Universidade Estadual do Maranhão

Ao Criador que nos concede a vida e à minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Criador que me gerou nele antes da fundação do mundo e cooperou para que vivesse esta experiência.

Agradeço ao meu esposo, que sempre me apoiou e cuidou da casa, dos filhos e de mim quando estava ocupada com os trabalhos da faculdade, suprindo as necessidades, indo, muitas vezes, além das expectativas, doando de sua vida pela minha causa, o estudo.

Agradeço a todos os familiares, que sempre torceram e me incentivaram a terminar mais esse processo na minha vida.

Agradeço a todos os colegas de turma que contribuíram com seus conhecimentos, suas perspectivas, singularidades e personalidade, forjando em mim opiniões e novas perspectivas de ver, ouvir e ser.

Agradeço em especial à minha colega de jornada, Claudianne Kelly Silva de Sá, que, durante quatro anos, me suportou todos os dias da semana, na jornada de ir e vir de São Luís, até chegarmos a esse momento de redação desse trabalho.

Agradeço aos meus professores, que nortearam minha vida acadêmica, contribuindo com a minha formação, cooperando com mudanças de planos e ampliação de projetos de vida.

Agradeço, em especial, a três professores: Professora Maria Jucilene Guida de Sousa, José Roberto Froes e Edson Cosmos, por marcarem esse processo acadêmico em mim, sendo referências de Educadores.

Agradeço à funcionária com quem sempre pudemos contar no curso, Nice, sempre nos atendendo com disposição e paciência.

Agradeço a todos funcionários da Universidade, que fazem todo trabalho acontecer, para que a Universidade funcione com a melhor eficiência possível.

Enfim, agradeço a todos que participaram deste trabalho, contribuindo, assim, para que mais uma etapa fosse concluída, finalizando processos e possibilitando o início de outros.

Mais uma vez, a todos meu Muito Obrigada!

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Thomas Jefferson

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão sobre o exercício da prática do Educador Musical em formação, com base nas experiências vividas no Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Médio em 2017. Nele buscamos apontar a relevância da experiência, demonstrando pontos positivos e negativos, e refletindo sobre o perfil do educador musical que deverá mediar as problemáticas educacionais que, possivelmente, serão encontradas pelo futuro educador em sua jornada. A reflexão da nossa prática buscou, neste trabalho, aprofundar a importância do nosso perfil como professores de música com mais integralidade, consciência da realidade e compromisso em construir uma sociedade mais forte e igualitária, garantindo que todos que passarem por nós tenham acesso ao conhecimento contextualizado e sistematizado, devido sua importância para a formação cultural e histórica de uma sociedade. A fundamentação teórica apresenta-se discutindo os seguintes eixos temáticos: A Educação e a Prática Pedagógica em Música; Prática Pedagógica: ação e reflexão, ressaltando a importância de uma prática crítico-reflexiva; A importância de um plano de Ensino de Música no Ensino Médio, com base na obrigatoriedade desse ensino, assegurada por documentos de leis aprovados; O Estágio no Ensino Médio com enfoque nas percepções positivas e negativas, e desafios a serem superados; O Professor em Formação, refletindo sobre *aprender a fazer e aprender a ser*, traçando um perfil para o profissional da educação na atualidade. A prática pedagógica no Estágio nos apontou que o ensino de música precisa estar voltado para a formação do aluno de forma integral. Sendo este ensino uma ciência necessária, precisamos de um *conhecimento pertinente*, sem fragmentos, e que seja capaz de contextualizar e ser contextualizado, comprometido com o todo. Para tanto, esta pesquisa apoiou-se em alguns autores como Antunes (2013), Ciavatta (2011), Cotrim (2013), Delors (2003), Freire (2002), Gadotti (2003), Lara (1998), Morin (2003), Penna (2010, 2011), Paula (2009), Pilleti (2003), Romão (2002), Severino (2009) dentre outros, e fontes documentais do MEC (2016, 2018). Além disso, este estudo apresenta uma análise dos dados de campo que foram extraídos por meio de questionários abertos aplicados com graduandos que estagiaram ou estagiam no Ensino Médio, e entrevistas com a professora de Língua Portuguesa (que leciona Arte e nos acompanhou no estágio), alunos e gestão do campo de pesquisa, registradas após o Estágio Supervisionado no Ensino Médio em 2017. Com isso, pretendemos mostrar que, como professores de música, não podemos ignorar os problemas, nem nos isolarmos em uma especialidade, pois, como prática social, a Educação Musical, precisa estar mais presente no contexto escolar, se queremos construir uma cultura mais forte e integral de forma organizada e planejada.

Palavras-chave: Ensino de Música. Estágio do Ensino Médio. Professor em formação.

ABSTRACT

This work is a reflection on the exercise of the practice of the Musical Educator in training, based on the experiences lived in the Supervised Curricular Internship in High School in 2017. In it we seek to point out the relevance of experience, points positive and negative, and reflecting on the profile of the musical educator who should mediate the educational problems that, possibly, will be found by the future educator in his/her Journey. The reflection of our practice sought in this work the importance of our profile as music teachers with more integrality, awareness of reality and commitment to build a stronger and more egalitarian society, ensuring that all who to pass through us have access to contextualized and systematized knowledge, due to its importance for the cultural and historical formation of a society. The theoretical background presents itself discussing the following thematic axes: Education and Pedagogical Practice in Music; Pedagogical Practice: action and reflection, emphasizing the importance of a critical-reflexive practice; The importance of a Music Teaching plan in high school, based on the mandatory ity of this teaching, ensured by documents of approved laws; Internship in high school with a focus on positive and negative perceptions, and challenges to be overcome; Professor in Training, reflecting on *learning how to do* and *learning to be*, drawing a profile for the education professional today. The pedagogical practice in the Internship pointed out to us that music teaching is being needed in necessary for the student's integral training. This being a necessary science, we need a *pertinent knowledge*, without fragments and that is able to contextualize and be contextualized, committed to the whole. To this end, this research was supported by some authors such as Antunes (2013), Ciavatta (2011), Cotrim (2013), Delors (2003), Freire (2002), Gadotti (2003), Lara (1998), MEC (1998), Morin (2003), Penna (2010, 2011), Paula (2009), Pilleti (2003) Romão (2002), Severino (2009) among others and documentary sources of mec (2016, 2018). In addition, this study presents an analysis of the field data that was extracted through open questionnaires with undergraduates who intern or interning in high school and interviews with the Portuguese Language teacher (who teaches Art and accompanied us in the internship), students and management of the research field, recorded after the Supervised Internship in High School in 2017. With this, we intend to show that, as music teachers we cannot ignore problems, nor isolate ourselves in a specialty, because as a social practice, Musical Education, needs to be more present in the school context, if we want to build a stronger and more comprehensive culture in an organized and planned way.

Keywords: Teaching of the Music. High School Internship. Teacher in formation.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Número de Graduandos Participantes da Pesquisa	48
GRÁFICO 2: Receptividade dos Alunos quanto ao Ensino de Música	48
GRÁFICO 3: Desempenho do Estagiário Mediante Conhecimento Musical dos Alunos.....	49
GRÁFICO 4: Rendimento do Aluno no Estágio Mediante Nível de Conhecimento Musical Anterior.....	50

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABEM	Associação Brasileira de Educação Musical
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
C.E.	Centro de Ensino
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EaD	Educação a Distância
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 EDUCAÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM MÚSICA	14
1.1 Prática Pedagógica: ação e reflexão	19
1.2 A Importância do Plano de Ensino de Música para o Ensino Médio	21
2 ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO	23
2.1 Percepções positivas e negativas do estágio	25
2.2 Desafios: professor e aluno	29
2.3 Análises das Entrevistas realizadas no Estágio	34
3 UM PROFESSOR EM FORMAÇÃO	37
3.1 Aprendendo a Fazer	40
3.2 Aprendendo a Ser: traçando um perfil	42
4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	45
4.1 Percepção do questionário aplicado com os graduandos	46
4.2 Percepção do questionário da gestão do C.E. Prof. Newton Neves	51
CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE	59
ANEXO	68

INTRODUÇÃO

No segundo semestre de 2017 o estágio do ensino médio, ocorrido no C.E. Prof. Newton Neves, proporcionou experiências onde, em meio ao desenvolvimento das atividades, no exercício da observação crítica do ambiente, perfil dos alunos e da postura docente no ambiente, fomos percebendo a importância do *Conhecimento, habilidades e competências* que o professor precisa dispor para o desempenho de sua profissão na formação integral do educando.

Refletindo sobre a relevância da prática pedagógica e o papel do professor, percebemos que escrever este trabalho para compartilhar o aprendizado adquirido nesta experiência poderia contribuir para um aproveitamento mais consciente na formação do educador, ampliando suas perspectivas a respeito da licenciatura em Música e do nosso papel como futuro professor.

Sendo esta pesquisa de valor qualitativo, buscamos compreender eventos específicos de um contexto, onde ampliamos conceitos, desenvolvemos ideias e entendimentos com respeito à nossa formação e nossa prática pedagógica, a partir de padrões concebidos pela observação direta da realidade e exercício em sala de aula. De acordo com as percepções no Estágio do Ensino Médio e o desenvolvimento desta pesquisa, a definição dos capítulos do trabalho se deram da seguinte maneira: no primeiro capítulo discorreremos sobre *Educação e a Prática Pedagógica Musical* por meio da reflexão das experiências vivenciadas no estágio, com base na importância de uma prática que comporte a complexidade do tempo e fundamentada nas leis, para que o Ensino de Música, integrante da Educação Geral, se engaje não apenas como um ensino específico, mas como conhecimento científico e relevante na formação do ser humano; ressaltamos ainda a importância de uma prática pedagógica dotada de sentido e próxima do contexto de vida do educando, a partir de uma práxis reflexiva e pelo diálogo contínuo de nossas vivências em sala de aula. Para tanto abordamos a importância do planejamento do Ensino de Música, ainda ausente na escola campo de estágio objeto dessa pesquisa, fazendo-se necessário um planejamento específico para sua inserção em sala de

aula, já que a Lei 11.769/08 e a Resolução 2/2016 obrigam a Secretaria de Estado e o corpo pedagógico da escola a elaborarem o planejamento desse ensino com base na garantia de educação descrita pela BNCC. No capítulo dois discorremos sobre o *Estágio no Ensino Médio* e a importância de nos inserirmos no contexto escolar de forma que a nossa experiência seja um ganho para nós e para o aluno, sendo o conteúdo teórico e prático da música uma contribuição relevante em mais esta etapa da educação. Apontamos também perspectivas e desafios, ampliando o nosso olhar para as demandas do processo educacional.

No capítulo três, *Um Professor em Formação*, empreendemos uma reflexão sobre nossa postura como educadores e seres humanos íntegros em constante formação, o que requer de nós, professores, uma postura contínua de busca do conhecimento para nossa formação acadêmica, com ênfase nas experiências de estágio, sensibilizando o graduando sobre o conhecimento pertinente para o desenvolvimento da prática pedagógica durante toda a vida, buscando apontar algumas sugestões necessárias em nosso perfil de educador para atendermos as demandas que nos cercam dentro e fora da sala de aula. Por fim, no quarto capítulo, analisamos os questionários aplicados com os graduandos e gestão da escola campo com enfoque quantitativo e qualitativo.

Chegamos às seguintes concepções: a construção de uma educação que comporte a multiplicidade da nossa era é mais que necessária para solucionar as complexidades do nosso contexto educacional e, para tanto, não basta enxergar o problema, é preciso envolver-se nele, com o compromisso de buscar soluções, sabendo que sempre poderemos contribuir. Acreditando na relevância da nossa prática e buscando a solidez da nossa formação, que não se encerra ao término de quatro anos de uma licenciatura, poderemos, aos poucos, fazer com que a gota que somos consiga fazer desse mar, que é a humanidade, um lugar mais consciente e melhor, a partir da valorização e busca do conhecimento integral¹. Planejar, refletir e se refazer é o papel constante do educador em formação, primeiro para si mesmo e depois para o outro, para o mundo, de maneira que o Ensino de Música não se torne obsoleto em meio à complexidade do tempo e alcance seus objetivos de maneira mais efetiva.

¹ Como diz Madre Teresa de Calcutá, “Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.

1 EDUCAÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA MUSICAL

Em um mundo complexo somos desafiados a uma prática que esteja apta a formar cidadãos que se relacionem com o conhecimento de forma mais efetiva e consciente, contemplando a sua multiplicidade sem comprometer a sua unidade. Por isso, uma educação que transicione o aluno a níveis mais elevados de investigação do conhecimento, não apenas para instrumentalizá-lo para uma profissão, exigirá do educador uma postura mais comprometida e consistente com as problemáticas reais do seu contexto educacional.

Segundo Morin é preciso formar um *conhecimento pertinente* que, segundo suas referências, parte do *complexo*.

O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios a [sic] nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade. Em consequência a educação deve promover a "inteligência geral" apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global. (MORIN, 2003, p.38-39)

De acordo com o texto, é necessário que o nosso *educar* seja para *conhecer*. Precisamos de um conhecimento consciente que gere em nossos alunos a alegria e o prazer na busca pela *inteligência geral* e a fome pela multiplicidade que os rodeia. Conhecer para que se sinta parte, gente e agente no processo de transformação que ocorre todos os dias dentro e fora de nós, construindo e reconstruindo uma nova sociedade, solidificando nossa cultura ao longo do tempo, por meio do que somos e produzimos.

Mediante os desafios da nossa era, pensar a realidade da nossa Educação exige coragem e otimismo diante das dificuldades. Conhecer a fundo o tecido histórico, os avanços, as lutas de pessoas que ajudaram a tecer a história da educação, deve causar em nós uma insatisfação suficiente para nos expulsar da nossa zona de conforto, pois, em meio à rapidez

das mudanças, o comodismo gera um conhecimento fragmentado², comprometendo a nossa liberdade, a igualdade por causa das lutas de classes, o insucesso que marginaliza a muitos e a violência, não só física, que amedronta e paralisa.

Segundo Ciavatta e Ramos (2011, p.30):

Ao longo dos anos 1980, a luta dos educadores comprometidos com a educação pública e a superação das desigualdades de classe em todas as suas expressões e, particularmente, na educação, foi pela defesa da educação unitária, *omnilateral* e politênica [sic]. No confronto das forças políticas vitoriosas no Congresso Nacional e a eleição de Fernando Henrique Cardoso, aprovou-se a Lei nº 9.394/96 cuja tônica não foi mais a de preparação para o trabalho e sim para a vida, ressaltando uma falsa dicotomia só explicável pelo estigma escravocrata de nossa sociedade. Sob esse ideário, preparar para a vida significaria desenvolver nas pessoas competências genéricas e flexíveis, de modo que elas pudessem se adaptar facilmente às incertezas do mundo contemporâneo.

A reflexão e o diálogo sobre a prática pedagógica nos permitiram hoje desfrutar de várias conquistas obtidas dentro do cenário político que rege nosso país, como por exemplo, a mudança da tônica em nossa Educação, de não mais *preparação para o trabalho* mas para *a vida*. Precisamos, como atores ativos, ser uma resposta positiva a essas conquistas, garantindo que o educando desenvolva as competências para a educação permanente e formação geral e integral, pois, mesmo não sendo um fim, a *Educação* ainda é o melhor meio de solucionar os problemas do mundo, as angústias e anseios dos que acreditam no poder de transformação que o *Conhecimento* pode gerar por meio desta.

O sucesso da prática pedagógica está ligado à forma como o professor enxerga e desenvolve o seu trabalho de forma consciente. No entanto é um desafio para o professor graduando e ainda em experiência de estágio fazê-la soar como uma doce melodia, sem dificuldades ou ruídos, principalmente no contexto do Ensino Médio, já que esta, sendo a última etapa da Educação Básica, deveria, segundo a BNCC, garantir a consolidação do

² Fragmento significa: pedaço, fração, migalhas. (CUNHA, 1997, p.367). Em meio às constantes mudanças, o conhecimento precisa ser alimentado, isto é, o professor deve permanecer em formação, do contrário, como sugere o sentido da palavra fragmento, seu conhecimento será apenas uma fração da parte que lhe cabe ensinar, isso também, tornaria a sua prática fragmentada.

conhecimento adquiridos no Ensino Fundamental, não sendo esta a realidade do Ensino de Música.

Na Base Nacional Comum Curricular, no texto sobre os desafios do Ensino Médio, a escola deve acolher as juventudes, e, para tanto:

A dinâmica social contemporânea nacional e internacional, marcada especialmente pelas rápidas transformações decorrentes do desenvolvimento tecnológico, impõe desafios ao Ensino Médio. Para atender às necessidades de formação geral, indispensáveis ao exercício da cidadania e à inserção no mundo do trabalho, e responder à diversidade de expectativas dos jovens quanto à sua formação, a escola que acolhe as juventudes tem de estar comprometida com a educação integral dos estudantes e com a construção de seu projeto de vida. (BNCC, 2017, p.464, grifo nosso)

De acordo com o texto, a escola que acolhe as juventudes, ou seja, está de acordo com a BNCC³, confere ao aluno a garantia de *educação integral*, e esta não se refere ao tempo, mas à formação do aluno. Mesmo no curto tempo de estágio, nossa prática deve ser marcada pelo compromisso com o aluno e com a sociedade, com o objetivo de preparar o aluno para a vida. Pois é possível, nesse pouco tempo, deixar marcas em nossos alunos e apontar direções abrindo novas janelas para o conhecimento.

Ao aprofundar a reflexão sobre o que diz a BNCC, buscando o significado da palavra *Educação*, que no dicionário etimológico possui a seguinte concepção: “processo de desenvolvimento da *capacidade física, intelectual e moral* da criança” (CUNHA,1997, p.284), nota-se que o termo *educação integral* na BNCC pode se expressar exclusivamente pelo termo *educação*, de acordo com o significado no dicionário, ou seja, “a formação

³ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à *formação humana integral* e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). (BNCC, 2018, p.7, grifo nosso).

humana integral” (BNCC, p.7), pois o seu conceito abrange a integralidade das necessidades humanas de desenvolver-se nos aspectos físico, intelectual e moral, aspectos esses importantes para a formação de uma sociedade mais justa e democrática. Devemos usar a reflexão e nos questionar: até que ponto esse significado tem estado presente em *nossa prática*? O conceito de Educação que formamos na nossa jornada acadêmica ou de forma leiga, se relaciona com seu sentido real e com os nossos ideais de educação? Independente de qual disciplina lecionamos, a *Educação* em todo seu sentido precisa ser o objetivo geral de todo educador, devendo este, guiar-se pelos objetivos dela que está bem expressada pela BNCC com o compromisso de acolher as juventudes.

A ausência do Ensino de Música nas escolas tem causado prejuízos na musicalização do povo brasileiro. Poucos são os que têm acesso à Educação Musical e, geralmente, são filhos de músicos ou alguém que experimentou algum tipo de influência

musical na infância. Aparentemente a história da Educação no Brasil, e não somente dela, demonstra uma desorganização na formação estrutural do país. O próprio Sistema de Ensino se origina por causa do desenvolvimento econômico no país, com a Revolução Industrial de 1808, que implanta a “Aprendizagem Profissional no Brasil” (CANALI, 2009, p.4). A nossa constituição de 1988 torna a Educação um direito de todos, no entanto até hoje sofremos com o problema de infraestrutura em nossas escolas, com salas superlotadas, por exemplo. Parece-nos que, aos poucos, à medida que surgiam necessidades ou o interesse pelo desenvolvimento em alguma área, as autoridades competentes buscavam soluções emergentes para essas pendências, sem um planejamento adequado, gerando, com isso, sistemas defeituosos. Atualmente o PNE 2014 a 2024 tem como uma de suas metas implantar a educação em tempo integral, no entanto, poucas são as escolas que têm o mínimo necessário para que isso se torne realidade. A sensação que temos é que essas soluções, ao longo dos anos, nos parecem instáveis, principalmente no que se refere à Educação Musical.

Vemos uma urgência de ser definida uma estabilidade na Educação Musical do país. Mas, para que isso aconteça, é necessária uma iniciativa dos Educadores Musicais nesse sentido. Incentivar a pesquisa em Educação Musical, por meio dos cursos de música, fomentar movimentos musicais acadêmicos e feiras musicais, produção de livros e o diálogo

com as autoridades competentes em favor da inserção do Ensino de Música, poderá suscitar na população civil a curiosidade e o interesse pela música como ciência e não apenas como entretenimento.

Segundo Garbosa:

"o pensamento e a ação de alguns professores de música" refletem a "ausência do ontem, os quais omitem ou desprezam o passado como consequência da falta de uma formação histórico-músico-educacional e mesmo como decorrência da carência de investigações endereçadas à temática" (GARBOSA, 2002, p.45 apud SOUZA 2014, p.2).

Apesar de nos últimos anos haver um crescimento da pesquisa nessa área, ainda é muito pouco, levando-se em conta o tempo de fundação do nosso país. Como professores de música não precisamos somente de uma formação em História da Música, mas histórico-músico-educacional. Mesmo com o aumento do interesse de pesquisadores brasileiros pela educação musical, nem todo conteúdo produzido chega às bibliotecas públicas, se dando em grande parte pela internet. Tendo em vista que grande parte da população civil ainda não tem o interesse pela ciência musical, não foram musicalizados e nem alfabetizados musicalmente, o acesso fica difícil e, quando há um interesse, as condições financeiras são reduzidas para a compra de livros.

Se as tentativas de inserção da música nas escolas na década de 30 nos deixaram boas referências, a sua presença definitiva poderá causar uma revolução na Educação Brasileira. No entanto, precisamos empreender uma reflexão sobre a prática pedagógica musical nas escolas e maximizar o acesso à informação, pela sociedade civil, a respeito da importância da Educação Musical, para que o ensino de música nas escolas não se torne apenas entretenimento, como se não fosse parte da *formação humana* como conhecimento científico pertinente. Como afirma Fonterrada (2008, p.13):

Hoje, há uma enorme necessidade de compreensão da música e dos processos de ensino e aprendizagem dessa arte. Até que se descubra seu real papel, até que cada indivíduo em particular, e a sociedade como um todo, se convençam de que ela é uma parte necessária, e não periférica, da cultura humana, até que se compreenda que seu valor é fundamental, ela terá dificuldades para ocupar um lugar proeminente no sistema educacional.

Apesar de fazer mais de dez anos que Fonterrada lançou seu livro, parece-nos que ainda hoje a música não conseguiu ampliar seu reconhecimento como ciência e, portanto, ainda não deu toda sua contribuição à sociedade.

Uma organização pedagógica curricular para o ensino de música ainda é um dos desafios da educação musical no ensino médio. A viabilização dessa organização curricular e, paralelo a isso, a compreensão do valor da educação musical na educação básica, contribuirão para tirar a Educação Musical do contexto periférico em que ainda se encontra.

1.1 Prática Pedagógica: ação e diálogo

De acordo com o educador e pedagogo Paulo Freire, existe uma práxis verdadeira, e esta não existe sem a reflexão. Ao compartilhar a afirmação do supracitado autor de que “a impossibilidade do diálogo se estabelece pelo sacrifício da reflexão e a ênfase exclusiva da ação pela ação que se converte em ativismo, negando, assim, a práxis verdadeira” (FREIRE, 2002, p.78), entendemos que, para que a nossa prática possa ser dotada de sentido e presença, é necessário que o seja por meio da reflexão e diálogo. Não adianta reclamarmos dos problemas em sala de aula, daquilo que ainda não foi conquistado ou mesmo do que ainda não é garantido na prática por terceiros, a nossa prática precisa ser ativa e reflexiva dentro de todo processo para que sejamos parte da solução dos problemas que encontraremos em sala de aula. Esta é uma lição que, se ainda não nos conscientizamos e sensibilizamos, devemos aprender a partir do estágio. Precisamos estar atentos aos processos educacionais ao longo dos anos para podermos construir um espaço educacional que trabalhe para a formação plena do ser humano e o exercício pleno da sua cidadania, abstendo-nos de um ensino fragmentado, segmentado, superando as desigualdades, ofertando mais qualidade de educação e promovendo a unidade de suas conquistas em todas as suas dimensões a partir da nossa práxis. Precisamos de uma prática pedagógica familiarizada nos contextos das leis educacionais com a garantia de um ensino para a autonomia cidadã.

No texto da BNCC vemos como as dificuldades enfrentadas no ensino médio precisam ser superadas. Destacamos no texto abaixo as principais destas dificuldades. Vale destacar que uma delas é a prática pedagógica distante da realidade, com um currículo excessivo.

O Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica, direito público subjetivo de todo cidadão brasileiro. Todavia, a realidade educacional do País tem mostrado que essa etapa representa um gargalo na garantia do direito à educação. Entre os fatores que explicam esse cenário, destacam-se o desempenho insuficiente dos alunos nos anos finais do Ensino Fundamental, a organização curricular do Ensino Médio vigente, com excesso de componentes curriculares, e uma abordagem pedagógica distante das culturas juvenis e do mundo do trabalho. (BNCC, 2018, p.461. Grifo nosso)

A nossa prática precisa ser dotada de sentido e objetivos claros, de forma a desenvolver habilidades e competências além do exercício técnico e teórico, promovendo o ensino da música também como ciência e parte da formação do aluno, sendo ela tanto ativa como reflexiva.

Apesar de, durante o nosso estágio, não contarmos com um planejamento pedagógico e um programa de conteúdos para música, buscamos em nosso planejamento e nos planos de aula aproximar o conteúdo musical do contexto de nossos alunos (atentando para o que nos dizem os documentos educacionais), sem diminuir a riqueza do conteúdo. Apesar do pouco tempo, a forma como planejamos as aulas otimizou o rendimento dos alunos durante o estágio realizado no C.E. Prof. Newton Neves, de acordo com o contexto individual de cada turma. Isso nos mostrou que o professor em estágio não necessita apenas de conhecimento técnico e teórico em música para realizar seu trabalho, mas também e *principalmente* pedagógico e uma visão ampla da realidade local. Quando não há um planejamento institucional para o ensino de música, é necessário compreender que o conteúdo, prática e didática adquiridos durante a graduação, devem ser adaptados à realidade local, isso nos ajudará a superar os obstáculos, tornando a nossa prática mais relevante. Com isso percebemos, por exemplo, que executar os trabalhos na aula de paisagem sonora com recursos do próprio ambiente de forma improvisada no 2º ano, tornou as aulas participativas e

interessantes para os alunos, enquanto que, para o 3º ano, fazer pesquisa de campo sobre a música local foi proporcionar uma aventura.

Se o estagiário não for consciente do real valor da música como *ciência*, pela capacidade de ser tão dinâmica, sua prática pedagógica corre o perigo de se tornar ativa sem ser reflexiva, enchendo os alunos de atividades que podem parecer apenas recreação, o que, pela prática pedagógica, não é o objetivo da educação musical, pelo contrário, queremos um ensino qualitativo e não apenas quantitativo. É necessário que nossa prática pedagógica supere todo conceito equivocado e minimalista⁴ que possa haver a respeito do ensino de música, pois precisamos de uma educação que privilegie a construção do conhecimento, ao invés de mera reprodução e memorização de conteúdo. Como afirma Granja (2006, p.15): “o ensino de música nas escolas deve ter como fim menos a formação de uma elite de músicos talentosos e mais a formação de pessoas que sejam capazes de realizar seus projetos a partir de múltiplas linguagens”. A oferta do Ensino de Música no Ensino Médio deve ser bem planejado, pois esta é a etapa final da Educação Básica. Não queremos proporcionar aos nossos alunos um amontoado de atividades repetitivas e sem objetivo. A nossa prática pedagógica precisa ser apta para o desenvolvimento de competências musicais múltiplas e do pensamento crítico e consciente em nossos alunos. E, para tanto, “O equilíbrio entre a competência na disciplina ensinada e a competência pedagógica deve ser cuidadosamente respeitado” (DELORS, 2003, p.162), ou seja, a ação (conhecimento técnico e prático) não pode sobrepujar a reflexão (conhecimento pedagógico) e vice-versa.

1.2 A Importância do Plano de Ensino da Música no Ensino Médio

No estágio do Ensino Médio a falta de um planejamento escolar para o ensino de música nos deixa sem um currículo específico, com objetivos claros e pré-determinados, para execução do estágio.

Os documentos, leis e resoluções (BNCC, PNE, LDB e outros) que têm sido aprovados e são elaborados com vistas a superar os desafios, buscando facilitar a inserção de

⁴ Percepção de que o ensino de música é apenas entretenimento, minimizando sua importância como ciência e como parte integrante da educação geral.

profissionais da área de música como um meio de garantir o seu ensino, não têm sido implementados na prática. Isso nos leva a argumentar: por que ainda não temos um plano de ensino adequado para a área de música? Embora os documentos norteiem a prática educacional, o planejamento de ensino é de responsabilidade das autoridades competentes locais. A implementação do ensino de música nas escolas e o seu planejamento, portanto, não têm se efetivado no contexto escolar não por falta de leis que os regulamentem, mas, talvez, o motivo seja a falta de mobilização da própria sociedade civil e autoridades imediatas (diretores, supervisores, professores e secretários) que, por não entenderem em profundidade a importância da Educação Musical para a formação do ser humano e, conseqüentemente, da sociedade, não garantem a sua oferta.

A falta de um planejamento de ensino, não inviabiliza a nossa prática no estágio, mas dificulta. Se formos desatentos, podemos tornar o ensino de música como um conteúdo restrito ao entretenimento e a tocar um instrumento ou cantar, perdendo o foco de uma experimentação mais atenta à necessidade real dos alunos e ao ensino de música como ciência, e reduzindo a prática de estágio apenas ao objetivo de passar pela experiência e terminar a cadeira com *êxito*, fragmentando a importância do ensino de música como parte integrante da educação geral, tendo em vista que, à medida que ensinamos música, o aluno ganha não só habilidades (saber fazer), mas competências musicais que o ajudarão em sua formação para vida.

Se a educação formal em sua prática pedagógica deve contribuir no desenvolvimento de habilidades em sua integralidade, de forma que o indivíduo consiga relacionar-se consigo mesmo e com o outro, o que o torna um ser social, podemos dizer que a Educação Musical é uma poderosa ferramenta quando esta se efetiva dentro do sistema educacional. O Ensino de Música na educação básica tem muito para contribuir no desenvolvimento das capacidades que envolve o processo de formação integral do aluno. Segundo Swanwick (1979, p.37-38, apud. BUENO) “a experiência musical está relacionada aos processos fisiológicos e psicológicos dos indivíduos”, isto é, a música pode ser uma via de condução para a formação de um conhecimento consciente do corpo, intelecto e emoções.

O Ensino de Música na Educação Básica é um direito de todos. Como diz Fernandes (2013, p.18): “a educação musical é uma prática social” e, como tal, não pode ser negada, e para garanti-la é necessário que haja um planejamento das autoridades competentes e cobrança por parte do professor de música em formação e de todos que conhecem a sua importância na formação do indivíduo. Ofertar um ensino de música bem planejado, principalmente nessa etapa da educação básica (Ensino Médio), é garantir um direito ao aluno, que lhe confira competências para trabalhar a diversidade do conhecimento em meio aos desafios dos vestibulares e do mundo do trabalho.

2 ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO

O Estágio no Ensino Médio foi singular, desafiador e suficiente para levar-nos a uma reflexão a respeito do sistema educacional, da qualidade do ensino, do desenvolvimento integral do aluno, da nossa postura como educadores e como nos situar mediante todas as problemáticas, inclusive sobre a inserção do Ensino de Música na Educação Básica. Sendo uma exigência da Instituição, o Estágio deveria ser para o aluno principalmente um anseio, mediante a sua importância na experiência acadêmica e profissional. Ele não oportuniza somente uma experiência profissional, mas humana, pois se realiza dentro do contexto social da escola e da diversidade de vivências e de pessoas (alunos, colegas e funcionários). E, segundo Delors, o estágio também deveria ser ofertado durante a formação contínua para os professores em exercício.

Nas experiências do estágio nos deparamos com contextos, limitações e dificuldades diferentes. Alunos são pessoas, e pessoas são limitadas, têm defeitos, problemas, e em meio a tudo isso está o estagiário. Essas constatações parecem ser sem importância, mas um simples conserto do ar-condicionado mudou o comportamento dos alunos em uma turma. Se não refletirmos nos aspectos específicos e integrais do aluno, podemos incorrer no risco de julgar e punir, quando deveríamos compreender.

Segundo Morin (2003, p.95):

A compreensão humana vai além da explicação. A explicação é bastante para a compreensão intelectual ou objetiva das coisas anônimas ou matérias. É insuficiente para a compreensão humana. Esta comporta um conhecimento de sujeito a sujeito. Por conseguinte, se vejo uma criança chorando, vou compreendê-la, não por medir o grau de salinidade de suas lágrimas, mas por buscar em minhas aflições infantis, identificando-a comigo e identificando-me com ela. O outro não é percebido apenas objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco o ego alter que se torna alter ego. Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação, e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade.

Mesmo em um momento passageiro de estágio, este exige de nós essa *compreensão*. Logo, se agirmos dessa forma, não obteremos apenas experiências intelectuais para a nossa profissão, mas sairemos mais aparelhados para vida. Como diz a citação acima, a explicação não é suficiente para sermos compreendidos ou compreender, antes precisa haver uma identificação. Para tanto, entende-se que todo estagiário já passou pela educação básica, conhecemos as limitações pela qual passamos, e essa identificação é suficiente para sermos empáticos e nos levar a proporcionar aos nossos alunos, nesse tempo com eles, tudo que estiver ao nosso alcance e pudermos qualitativamente garantir a eles.

No início do estágio constatamos que o primeiro contato com os alunos é determinante para a conquista do respeito e a possibilidade de uma amizade. Delors (2003, p.156) afirma que “A forte relação estabelecida entre professor e aluno constitui o cerne do processo pedagógico”. O conhecimento equivocado da disciplina de Arte e a postura dos professores que, na realidade, não têm formação na área, levaram os alunos a manifestarem repúdio, desvalorizando e menosprezando não só a disciplina, mas também o professor, conotação esta observada em nosso primeiro dia de aula na turma do 2º ano, onde os alunos aparentemente não simpatizavam com a professora de história que completava sua carga horária na disciplina de Artes. No entanto buscamos, por meio de uma abordagem dinâmica, mudar o paradigma que os alunos pré-concebiam da disciplina de Arte. Despertamos o interesse e a curiosidade pela disciplina que, outrora, para eles, era *besteira*. O contato com uma nova abordagem da disciplina desfez o equívoco, nos levando a concluir que eles

querem, sim, aprender Artes, Música, Teatro, Dança e etc., e só precisam de professores que sejam aptos, conscientes do que fazem e sensibilizados quanto à importância de uma prática pedagógica bem desenvolvida para a formação e garantia do ensino integral do aluno. Com isso vemos que o preparo consciente e sensibilizado, no que se refere ao nosso papel de professor, pode mudar a perspectiva a respeito de um assunto, uma ideia, um equívoco, ainda que seja apenas de uma sala de aula. E de fato mudou, como afirmaram os alunos nas entrevistas que foram realizadas no final do estágio sobre a disciplina de Arte e o ensino de música e que serão analisadas posteriormente.

O Estágio mostrou que não há qualquer resistência para o ensino de música no ensino médio por parte dos alunos, pois são bem receptivos, e isso é bastante relevante, pois nessa fase final da educação básica em que os alunos estão diante dos desafios da vida profissional e muitas vezes na incerteza de suas escolhas, estes poderiam valorizar apenas as disciplinas mais requeridas nos exames de vestibulares em nosso sistema educacional. Isso demonstra também como os jovens querem viver e desfrutar do que a disciplina de Arte tem a oferecer, inclusive a Música.

O Estágio no C.E. Prof. Newton Neves foi desenvolvido em três turmas, sendo uma do 1º, uma do 2º e outra do 3º ano. Houve o desejo de outras turmas em participar, mas percebemos que mais turmas significaria uma diminuição dos conteúdos que nos propomos ministrar aos alunos e, por consequência, uma diminuição também do aproveitamento deles, pois, elevando a quantidade de turmas, a carga horária em cada uma delas seria menor.

Apesar das dificuldades, o estágio no ensino médio promoveu experiências satisfatórias e suscitou em nós muitas perguntas que nos trouxeram a este trabalho, e este nos levará a muitos outros. Mesmo com muitos entraves foi possível demonstrar a importância da Música como parte do conhecimento, deixando a nossa contribuição como professores de música e garantindo aos alunos a experiência com o seu ensino.

2.1 Percepções positivas e negativas do estágio

Na primeira abordagem aos alunos no estágio, algumas observações que fizemos nos levaram a perceber alguns fatores que já deviam estar bem desenvolvidos nos alunos do Ensino Médio, por esta ser a etapa final da Educação Básica. Logo na primeira aula, na qual aplicamos uma dinâmica de apresentação, observamos que os alunos têm sede de expressar-se, mas também têm medo de falar errado ou *pagar mico*. Mesmo sendo estimulados, o medo de errar limitava o tempo e as palavras em suas falas e travava demasiadamente grande parte da turma, quando expressar-se bem já deveria ser uma habilidade bem desenvolvida, inclusive pela disciplina de Arte que trabalha a expressão dos sentimentos, abrangendo assim os aspectos emocionais do indivíduo. Também vale ressaltar a importância de um suporte profissional psicológico nos casos mais extremos, o que seria também a garantia de uma Educação Integral. Quanto a isso, a *Declaração Mundial sobre Educação para Todos*, no seu artigo 6, diz:

Propiciar um ambiente adequado à aprendizagem: a aprendizagem não ocorre em situação de isolamento. Portanto, as sociedades devem garantir a todos os educandos assistência em nutrição, cuidados médicos e o apoio físico e emocional essencial para que participem ativamente de sua própria educação e dela se beneficiem. Os conhecimentos e as habilidades necessários à ampliação das condições de aprendizagem das crianças devem estar integrados aos programas de educação comunitária para adultos. A educação das crianças e a de seus pais ou responsáveis respaldam-se mutuamente, e esta interação deve ser usada para criar, em benefício de todos, um ambiente de aprendizagem onde haja calor humano e vibração. (JOMTIEN, 1990, p.6)

A percepção que tivemos na dinâmica, quanto à maioria deles, foi a de se sentirem perdidos, havendo um déficit sobre a própria identidade, pois, ao ser solicitada uma definição ao seu respeito, a maioria deles teve dificuldades para dizer, e quando foi solicitado um conceito de música por exemplo, além de conceitos repetitivos, as respostas eram vagas, apesar de ouvirem muita música, pois a maioria portava celulares com fone de ouvido, demonstrando uma grande defasagem na musicalização. Se a garantia de Educação Integral, assistência plena ao indivíduo, fosse uma realidade nas escolas brasileiras, provavelmente os fatos descritos seriam bem diferentes.

A dinâmica foi pertinente para demonstrar o nível do conhecimento geral que os alunos tinham. Em alguns casos nos pareceu estarem ali contra a sua vontade, ou seja, é como

se o conhecimento não tivesse muita relevância para eles, servindo apenas como uma forma de preparação para o trabalho, para que possam ganhar dinheiro e ser independentes, *independência* essa que se amplia até às relações interpessoais, uma contradição com o pensamento interacionista de Vygotsky que afirma que, sem as interações, o homem não poderá alcançar as formas superiores de comportamento consciente. Logo, o aluno não está sendo preparado somente para o profissionalismo, mas também para o individualismo ao invés das relações que podem fazer com que o homem consiga desenvolver-se de forma *integral* ou *fundamental* de acordo com Paschoal Lemme que diz:

Mas há sempre uma forma de educação que poderemos chamar de fundamental: é aquela que faz com que o indivíduo passe a compreender a própria estrutura da sociedade em que vive, o sentido das transformações que estão se processando nela, e assim, de mero protagonista inconsciente do processo social, passe a ser um membro atuante da sociedade, no sentido de favorecer sua transformação ou, ao contrário, a ela se opor, porque ela se dará em detrimento de seus interesses. (LEMME, Paschoal. 1988 apud GADOTTI, 2003, p.248)

Na aula de percepção musical, aplicada no 1º ano, realizamos uma atividade que exigia o uso de um instrumento (usamos a flauta doce), onde, na sua dinâmica, com apenas algumas notas os alunos descobririam de qual canção executávamos os traços melódicos. Dentre as canções que escolhemos, algumas eram do repertório da grande mídia (que eles conheciam), e, outras, antigas folclóricas que geralmente ouvíamos na escola na Educação Infantil. Para nossa surpresa os alunos identificaram rapidamente as canções infantis, tendo mais dificuldade com os *hits* da mídia. Essa atividade pode denotar que a percepção na infância é mais *limpa*, vamos assim dizer, ou que os estímulos hoje são demasiadamente bombásticos que os alunos não conseguem absorver tudo, ou que não conseguiram desenvolver a percepção e a escuta (segundo Schafer) adequadamente.

Ainda nessa turma, buscamos desenvolver atividades para trabalhar a rítmica (expressão corporal) e a voz. No entanto, nas atividades de aquecimento vocal, apesar de serem jovens, tivemos dificuldade com os alunos, pois estavam aparentemente desanimados. A princípio supomos que uma atividade que os tirasse da rotina poderia ser um peso para eles. Mas após o aquecimento nos pareceu melhorar a participação. No trabalho da rítmica com

música e expressão corporal, percebemos que, à medida que acelerávamos o tempo, a maior parte se perdia, outros desistiam, mas não se dispersavam, pelo contrário, se divertiam com a dinâmica da aula.

Essa experiência nos levou a perguntar: como seria trabalhar com alunos desenvolvidos na percepção, na rítmica, expressão corporal, apreciação musical, ou seja, que foram musicalizados no ensino fundamental, já que no ensino médio deveriam apenas aprofundar os conhecimentos do fundamental, garantindo sua consolidação e continuidade segundo a BNCC? A limitação do conhecimento sobre música, pela sua indisponibilidade no planejamento escolar e durante o ensino fundamental, impossibilitou que o trabalho no estágio fosse algo mais que apenas uma novidade para os alunos, o que acreditamos não ser o objetivo da Educação Musical e nem da BNCC que estabelece as bases para o ensino de música na educação básica, apesar do pouco ou nenhum conhecimento musical não dificultar o desempenho dos alunos nas aulas de música, também não é possível aprofundar e desenvolver as habilidades, possíveis a todos, pela falta de seu ensino nas fases anteriores.

Em uma das atividades propostas no 2º ano produzimos um texto sobre a música para avaliar a criticidade dos alunos:

A música do século XXI é a mesma da antiguidade, ela é tocada por um instrumento que atrai o homem. Na sua desorganização ela é organizada, as ondas sonoras do mar afetam. No entanto é possível ouvir música mesmo em meio ao barulho. Os ritmos que a compõe são líquidos que evaporam com a intensidade. Por isso música é atmosfera. (Atividade do Estágio)

Percebemos que, ao se depararem com algo novo, quando é solicitada a opinião, os alunos emudecem, demoram para associar ou fazer comparações, ainda que seja do ponto de vista empírico, não conseguem perceber as falhas ou questionar, nem sequer perguntaram quem era o autor do texto, ou seja, parece-nos que eles querem conhecer, mas ainda não desenvolveram um nível de criticidade de forma contextualizada para essa atividade.

As experiências no 3º ano foram diferenciadas. A faixa etária ajudou bastante, pois os alunos nos pareceram bem mais maduros quanto aos seus planos de vida e a profissão desejada. No entanto, a praticidade deles nos trabalhos desenvolvidos fora da turma,

atrapalhou a eficiência e a coesão do conteúdo apresentado. Apesar de terem todo um trabalho para realização da pesquisa da música local, os alunos demonstraram insuficiência na sintetização e redação do conteúdo, quando, na verdade, no último ano dessa etapa da educação básica, entende-se que os alunos já deveriam ter uma certa autonomia. Em contrapartida, aproveitamos esse momento como situação de aprendizagem, fazendo uma abordagem crítica, mas também de incentivo, fazendo-os refletir sobre a importância do conhecimento para superação dos desafios que eles poderiam enfrentar após o término do ensino médio.

Apesar das insuficiências educacionais presentes no nosso contexto histórico brasileiro, é possível sentir nos alunos um anseio por dias melhores, e a expectativa acerca do futuro saltam de seus olhos, ainda que de forma tímida e inconsciente. Inspirar com a nossa postura, provocar o aluno a desenvolver-se como pesquisador, ampliar perspectivas e fortalecer a busca pelo conhecimento, foi o nosso objetivo principal no estágio. Poderíamos nos utilizar das dificuldades estruturais como: falta de material de apoio e didático, falta de um currículo para a música e mesmo, o pouco conhecimento dos alunos sobre música, para justificar os pontos negativos da experiência. No entanto parece-nos que a graduação em música e a sua influência dentro do contexto histórico e cultural da sociedade, faz com que os alunos despertem o interesse pelo conteúdo, proporcionando assim não só experiências positivas, mas a sublimação dos pontos negativos. Com isso, trabalhamos conteúdos que pudessem ser ofertados dentro da realidade local (com poucos recursos e poucas habilidades e competências musicais dos alunos) e passíveis de contextualização, minimizando custos e utilizando os recursos que tínhamos, para que as aulas não ficassem inviáveis. Portanto devemos ofertar, mesmo sendo em um estágio com tempo determinado para terminar, um ensino de música que seja comprometido com a formação integral do aluno, tornando-os capazes de permanecerem em formação a vida toda.

2.2 Desafios: professor e aluno

A busca pelo domínio do conhecimento é o maior desafio do homem como vemos em toda a história da humanidade. A Educação é para nós um meio de alcançarmos tal

domínio. Portanto, o maior desafio do professor e do aluno é *conhecer* a si mesmo a ponto de compreender e conviver com o outro, tornando-se protagonista de sua história e ajudando a formar a história da humanidade.

Como afirma Delors (2003, p.89), em seu relatório para a educação do século XXI⁵:

A Educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saberes evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas de informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e coletivos. À Educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.

Ser o mapa e a bússola para nos conduzir ao domínio e ao equilíbrio do conhecimento em meio às transformações que nos tomam de assalto é, sem dúvida, o papel imprescindível da Educação no mundo atual. Para tanto, Delors afirma que esta deve organizar-se em torno de quatro pilares: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros; aprender a ser.

Aprender a conhecer, segundo Delors, não é “adquirir um repertório de saberes codificados”, mas ter “o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento” (2003, p.90). Nisso está implicada a finalidade da vida humana. Aprender a conhecer é necessário para compreender o mundo, na medida que isso possa trazer dignidade e *desenvolver capacidades, para comunicar*, ou seja, fazer uso das ferramentas necessárias para compreensão da *cultura geral*, habilitando o ser humano para *dialogar* com uma vasta enciclopédia, sem perder-se no processo de busca, pois, ainda que o homem tente, não há como conhecer tudo.

⁵ *Educação: um tesouro a descobrir* é um relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. “O Relatório Jacques Delors, como assim ficou conhecido, iniciado em março de 1993 e concluído em setembro de 1996, teve a contribuição de especialistas de todo mundo, característica que o torna imprescindível diante do processo de globalização das relações econômicas e culturais que estamos vivendo”. (DELORS, 2003, p.9)

Segundo a BNCC, entre as competências gerais que devem ser desenvolvidas na Educação Básica, *saber conhecer* está bem fundamentada na quinta e sétima competências, como vemos no texto abaixo.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. [...]. 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BNCC, 2018, p.9)

Com isso podemos afirmar que adquirir conhecimento sem usá-lo em benefício comum, não será de grande utilidade. Portanto, *saber conhecer é indissociável de saber fazer*. Isso significa também que, no mundo do trabalho, *aprender a fazer* não é, segundo Delors, apenas estar qualificado para exercer uma profissão.

Mediante a competitividade do mercado de trabalho e as crescentes mudanças tecnológicas no mercado financeiro, ser competente é mais importante do que estar qualificado, pois a qualificação pode ser adquirida por meio de treinamentos e aperfeiçoamentos oferecidos pelas próprias empresas, inclusive por meio da internet através dos cursos online. De acordo com Delors, há uma evolução quantitativa e qualitativa dos serviços:

As consequências sobre a aprendizagem da “desmaterialização” das economias avançadas são particularmente impressionantes se se observar a evolução quantitativa e qualitativa dos serviços. Este setor, muito diversificado, define-se sobretudo pela negativa, não são nem industriais nem agrícolas e que, apesar da sua diversidade, têm em comum o fato de não produzirem um bem material. Muitos serviços definem-se sobretudo, em função da relação interpessoal a que dão origem. [...] Compreende-se, pois, que o trabalho em questão já não possa ser feito da mesma maneira que quando se trata de trabalhar a terra ou de fabricar um tecido. A relação com a matéria e a técnica deve ser completada com a aptidão para as relações interpessoais. O desenvolvimento dos serviços exige, pois, cultivar qualidades humanas que as formações tradicionais não transmitem, necessariamente [sic] e que correspondem à capacidade de estabelecer relações estáveis e eficazes entre as pessoas. (DELORS, 2003, p.95)

De acordo com a citação acima, estar apto para o trabalho no século XXI é mais do que estar profissionalizado, pois, com a abertura no mercado de trabalho para novas profissões, o conhecimento geral transmitido e a formação educacional do indivíduo gerada pela Escola deverão aparelhar o jovem para que, independente das crises que possam ocorrer no país, este possa estar preparado para o mundo do trabalho materializado e desmaterializado. Com isso, o desafio do professor é o de ser um catalisador dentro desse processo, ajudando a ampliar a visão dos alunos para o mundo do trabalho, assim como a respeito da diversidade de serviços que podem ser prestados à sociedade e responder às perspectivas dos jovens de forma integral.

Sempre houve conflitos, violência e preconceitos ao longo da história da humanidade, e, segundo Delors, hoje mais ainda por causa dos meios de comunicação social. Portanto, *aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros* também se constitui um grande desafio da educação e, nesse contexto, este desafio deve ser superado primeiramente pelo professor e pelo aluno.

“A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta” (DELORS, 2003, p.97), ou seja, *conhecer progressivamente o outro, e participar em projetos comuns* é fundamental para que nos identifiquemos e aprendamos a conviver com as diferenças, vencendo assim as rivalidades, cabendo ao professor comunicar essa *dupla aprendizagem* desde a Educação Infantil.

Aprender a ser é o quarto, e o que nos pareceu o pilar mais desafiador de todos os outros, pois trata-se da individualidade do ser humano. Podemos nos perguntar por que a Escola deveria assumir esse compromisso? Como *Instituição Educacional* que deve proporcionar experiências integrais de qualidade ao seu aluno, ela faz parte da promoção de Educação: “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança” (CUNHA, 1997, p.284)⁶, ajudando a formar cidadãos Éticos, sem a qual o desenvolvimento

⁶*Capacidade Física* – para Platão o desenvolvimento do corpo estava atrelado ao desenvolvimento da alma (intelecto). O corpo, sendo a matéria que constitui o intelecto, de acordo com Platão (apud GALLO 2017),

da moralidade da pessoa humana não acontece, sendo este um dos aspectos da Educação para a vida.

O relatório *Aprender a ser* (1972) aprofunda mais ainda a importância desse ensino por meio de *um princípio fundamental*:

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. O relatório aprender a ser (1972) exprimia, no preâmbulo, o temor da desumanização do mundo relacionada com a evolução técnica⁷. (DELORS, 2003, p.99)

O quarto pilar nos parece identificar-se com uma das causas dos entraves que nos desafiaram em sala de aula durante o estágio. De acordo com nossas percepções, as dificuldades dos alunos eram, em grande parte, a interação consigo mesmo refletindo também

precisa também se desenvolver, por meio da atividade física. De acordo com o Dr. Ícaro Alcântara (médico ortomolecular), o ser humano precisa exercitar os músculos com levantamento de peso, pelo menos três vezes por semana, pois, com o envelhecimento, se isso não ocorrer, ao longo do tempo, o homem vai perdendo os músculos e a mobilidade vai ficando comprometida. No entanto, segundo Gallo (2017), vivemos hoje, uma era de culto ao corpo e, para conter qualquer desequilíbrio, é necessário que haja educação nesse sentido. Se o sentido da palavra Educação, abrange o desenvolvimento da capacidade física, por que não poderia a escola contribuir com tal sensibilização?

Capacidade Intelectual, não é, somente, ser dono de um QI elevado, mas ser capaz de refletir e situar-se no mundo. De acordo com Silva (2011), vivemos em uma época, onde, as “Antigas identidades que, por um considerável espaço de tempo, estabilizaram o mundo social estão em declínio, originando novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno. Trata-se de uma época mergulhada em um sonho sobre si mesma do qual precisa despertar. Neste despertar, está o reconhecimento da existência de um processo opaco de evolução da técnica, ciência e urbanização não acompanhada de um processo de humanização social. É como se o otimismo burguês do progresso distanciasse o homem da verdade de sua época. De uma busca em encontrar no coração das mudanças, uma verdade que defina seu papel e lhe forneça referências e ancoragem neste novo mundo”. (SILVA, 2011, p.204)

A **Capacidade Moral**, envolve o desenvolvimento da Ética que, para Gallo, segundo Aristóteles, é ensinar “a viver de acordo com o caráter a disposição de cada um”, isso quer dizer que cabe à Ética a tarefa de “educar o nosso apetite ou desejo para evitarmos o vício e alcançarmos a virtude (equilíbrio)”. (GALLO, 2017, p.151)

⁷ “Risco de alienação da personalidade patente nas formas obsessivas de propaganda e publicidade, no conformismo dos comportamentos que podem ser impostos do exterior, em detrimento das necessidades autênticas e da identidade intelectual e efetiva de cada um”. (FAURE, 1972 apud DELORS, 2003, p.99)

nas relações comuns com os demais. Alunos muito introspectivos, outros prospectivos exageradamente, chegando a ser inconvenientes. Em alguns casos, diante de situações-problemas interessantes para eles, as respostas eram curtas como se houvesse uma limitação no vocabulário ou dificuldade de relacionar com o conhecimento.

Em meio a tantos desafios o professor graduando em estágio retirará dessas experiências lições importantíssimas que o ajudarão a empreender, dentro de uma visão mais complexa e completa, mais suportes pedagógicos para o desempenho de sua profissão com mais consciência e compromisso, independente da realidade educacional que nos cerca.

2.3 Análises das Entrevistas realizadas no Estágio

As análises das entrevistas realizadas no C.E. Prof. Newton Neves em 2017, com alunos do 2º e 3º ano, gestão e professora de Arte do 3º ano, nos foram úteis para fundamentar diversos pontos dessa pesquisa, que aqui iremos abordar.

Constatamos primeiramente que há um grande interesse dos alunos em que o ensino de música seja ofertado pela escola. No depoimento do aluno D vemos claramente a manifestação do interesse pelas aulas de música, após ter experiências com o conteúdo no estágio:

Resposta (Aluno D): Eu vou ser sincero, para mim música era só um tipo, mas depois de uma aula que eu tive com vocês eu achei que música para mim não é só aquele estilo que eu escutava, é muito mais do que isso. Tem vários tipos de música e eu acho que, no meu sentido, era para ter uma aula, horários, só de música, para entendermos o que a música quer dizer para nós. Porque aqui nessa escola realmente não tem aula de música, não tem aula de Artes. Não tem Artes, não tem Música, não tem Educação Física, e eu acho que era para ter um horário só de música, uma matéria só de música para gente aprender mais. (ALUNO D, informação verbal, gravado em 19/06/2017, grifo nosso).

Segundo, com esse depoimento vemos que um dos entraves é a escola não ofertar professores para a área das linguagens artísticas (música, dança, artes visuais e teatro). No que tange ao ensino de música, mesmo com a aprovação da Resolução nº 2, de 10 de maio de 2016, que define Diretrizes Nacionais para a operacionalização do Ensino de Música na

Educação Básica⁸, ela ainda não tem sido planejada dentro desse contexto. Quando questionada a respeito da implementação do ensino de música, a declaração da Gestão do C.E. Prof. Newton Neves foi que a maior dificuldade é a ausência de professores qualificados. No entanto, duas professoras foram seletivadas pela Secretaria de Educação estadual (Edital 005/2016, p.273) como professoras de Arte, chamadas para assumir em 2017, sendo as mesmas do curso de licenciatura em Música da UEMA, o que denota também a falta de planejamento da Secretaria de Estado quanto ao ensino de música. Constatamos também que a falta de professores formados em música não pode ser mais utilizada como desculpa para a não inserção do seu ensino nas escolas, pois a demanda de vagas nos cursos de licenciatura presenciais e no EaD de Música conta com 18 polos e 630 vagas só na UEMA. Segundo informações do site UEMANET, em Itapecuru-Mirim foram aprovadas 34 pessoas no vestibular de 2019. Isso significa que em 2021 a cidade contará, supostamente, com 2 professoras licenciadas em Música e 34 professores⁹ com mais de 50% do curso concluído, tempo mínimo exigido para que possam legalmente, concorrer a seletivos.

Com isso podemos apontar uma terceira constatação, que é a perda de conteúdos importantes, tanto de música, caso o professor seja habilitado apenas em artes visuais, quanto no conteúdo das artes visuais, caso o professor, seja apenas habilitado em música. Esse ponto, nos coloca diante de um impasse que precisa ser pensado dentro de todos os cursos de licenciatura da área das Artes. O depoimento abaixo, do aluno A, demonstra que essa perda não se dá apenas pelo conhecimento do conteúdo específico, que o professor não tem em profundidade, mas também pela formação pedagógica na área, que torna a prática desse professor incompatível para ministrar o seu ensino.

Resposta (Aluno A): Olha, antes, na verdade eu nem gostava de Arte, mas depois que vocês chegaram eu passei a gostar bastante de Arte. Eu vi que Artes é uma matéria bastante importante, como as outras matérias. Eu gostei bastante. [...] Antes a gente nem tinha professor de Arte. Na verdade tinha só aquelas atividézinhas

⁸ Resolução de 2/2016 sobre o ensino de música no artigo 2, inciso 1 diz: Compete às Secretarias de Educação.

I - Identificar, em seus quadros de magistério e de servidores, *profissionais vocacionados* que possam colaborar com o ensino de Música nas escolas, incluindo-os nas atividades de desenvolvimento profissional na área de música; (MEC, p.1, grifo nosso)

⁹ Anexo C: Lista de candidatos aprovados no EAD da UEMA 2019.

sobre Arte, e sempre achava chato. Agora eu acho bastante importante e eu gostei bastante, e eu queria até que vocês voltassem. (Informação verbal, gravado em 19/06/2017, grifo nosso)

Pode-se perceber que, além da perda, uma prática pedagógica assim desenvolve uma perspectiva equivocada da disciplina no aluno, provocando desvalorização e o aumento do desinteresse pela disciplina. No depoimento abaixo, essa constatação também é comprovada por uma realidade contrária, pois está explícito, na resposta do aluno B a respeito do conceito musical que o aluno tinha antes e depois do nosso estágio, que o professor lecionar em sua área muda a perspectiva a respeito da disciplina.

Pergunta (estagiária): O que mudou no seu conceito sobre música depois do estágio?
 Resposta (Aluno B): Para mim, depois do estágio de vocês mudou bastante, porque música para mim era só uma forma de me acalmar, meio como se diz, superficial. Depois do estágio de vocês eu pude ver que a música pode ir muito mais a fundo do que nós conhecemos agora. (Informação verbal, gravado em 19/06/2017)

No estágio também percebemos que o nosso contato com professores de outras áreas pode se constituir em uma ferramenta para a sensibilização a respeito da importância da música e diminuir o conceito, que costumeiramente ouvimos, de que música é entretenimento. Na fala da professora pode-se perceber que a causa para tal pensamento é o conhecimento superficial a respeito da educação musical.

Resposta 1 (professora): Bom dia. Como eu vejo a disciplina antes? Relacionada à música, como algo superficial, eu não tinha esse conhecimento da abrangência que a música poderia trazer. Como eu tinha só o conhecimento superficial, não conhecia profundamente a música, como era antigamente, depois que as estagiárias, professoras estagiárias vieram, elas explicaram mais profundo, como é a música, como se deu o processo da música antigamente até a atualidade, os cantores, músicos famosos, com sua música e estrutura.

No último depoimento, transcrito logo a seguir, podemos observar uma quarta constatação. Vemos, na a fala do aluno, que ele valorizou o que aprendeu, chegando a citar parte do conteúdo e, mesmo em pouco tempo, foi possível ao aluno agregar conhecimento e valorizar a importância do ensino de música.

Resposta 2 (Aluno C): Eu não sabia nadinha de música, música antiga, música barroca...Não sabia nem de onde que vinha nem para onde que ia. Eu aprendi, né?! Não muito, mas o básico. (Informação verbal, gravado em 19/06/2017, grifo nosso).

Podemos concluir que, a respeito do ensino de música, à medida que formos nos inserindo no contexto escolar, a música encontrará o seu espaço na educação básica de maneira mais efetiva, e por meio de uma prática pedagógica consciente e sólida, conquistaremos o nosso lugar na sociedade como educadores musicais.

3 UM PROFESSOR EM FORMAÇÃO

Para refletir sobre a formação partiremos do seguinte questionamento: O que é formar um professor? Refletir sobre a nossa *presença* em uma licenciatura onde conscientemente nos apossaremos de todo conhecimento à disposição da formação do professor graduando é compreender, antes de qualquer coisa, que “Um espírito verdadeiramente formado, hoje em dia, tem necessidade de uma cultura geral vasta e da possibilidade de trabalhar em profundidade determinado número de assuntos” (SCHWARTZ, 1993 apud DELORS, 2003, p.91), é conhecer o caminho que estamos trilhando com disposição para vivermos os processos que nos imergem na jornada educacional, inclusive em um país ainda em desenvolvimento como o nosso.

Segundo Delors (2003, p.158-159):

Nunca é demasiado insistir na importância da qualidade do ensino e, portanto, dos professores. É no estágio [sic] inicial da educação básica que se formam, no essencial, as atitudes da criança em relação ao estudo, assim como a imagem que faz de si mesma. O professor, nessa etapa, desempenha um papel decisivo. Quanto maiores forem as dificuldades que o aluno tiver de ultrapassar – pobreza, meio social difícil, doenças físicas – mais se exige do professor. Para ser eficaz terá de recorrer a competências pedagógicas muito diversas e a qualidades humanas como a autoridade, empatia, paciência e humildade. Se o primeiro professor que a criança ou o adulto encontra na vida tiver uma formação deficiente ou se revelar pouco motivado, são as próprias fundações sobre as quais se irão construir as futuras aprendizagens que ficarão pouco sólidas.

A afirmação acima implica na necessidade de o graduando receber na universidade, além do conhecimento técnico específico, um conhecimento suficiente sobre as

leis e documentos que lhe confirmam uma visão geral da educação atual e específica com respeito aos processos históricos, filosóficos e psicológicos, para que o professor em formação acadêmica adquira uma prática que contribua de maneira satisfatória com o ensino básico, sem perder a *unidade* de objetivos com os demais professores de outras áreas. Isso significa que, para garanti-lo, é necessário que a avaliação aplicada pelos professores das licenciaturas aos graduandos, sejam pontuais quanto à aquisição de todo esse conteúdo, devendo, se possível, culminar em projetos de pesquisa para que, ao final de uma licenciatura, possamos ter ajudado a encontrar soluções para os problemas educacionais atuais. “Uma das finalidades essenciais da formação de professores, quer inicial quer contínua, é desenvolver neles as qualidades de ordem *ética, intelectual e afetiva* que a sociedade espera deles de modo a poderem em seguida cultivar nos seus alunos o mesmo leque de qualidades” (DELORS, 2003, p.162, grifo nosso).

Nesse sentido, algumas deficiências ficaram expostas nas respostas dos questionários aplicados com os graduandos que estão cumprindo ou já cumpriram o estágio supervisionado no Ensino Médio. Quando questionados sobre os desafios da formação de sua graduação, grande parte citou a falta de abertura do “campo de trabalho de música nas escolas” e atuar com “conteúdos musicais sem ter a disciplina de música”. Vemos nas respostas alguns equívocos, os quais são, em minha concepção: a obrigatoriedade do *Ensino de Música* é corriqueiramente confundida com *Disciplina*, isso ressalta a importância de entendermos o fundo histórico da Licenciatura em Música e o objetivo para qual foi estabelecida; em segundo lugar, não se deve esperar *somente* das autoridades que elaboram e aprovam as leis, a inserção nas escolas, do ensino de música, pois cabe muito mais a nós, professores de música, lutarmos e cobrarmos a ampliação desse campo de trabalho às autoridades competentes locais, do contrário uma licenciatura em Música ficará obsoleta, desnecessária. A nossa formação, portanto, envolve uma postura não só pedagógica e didática, mas, sobretudo, política, pois o contexto atual com respeito à nossa área assim o exige. No entanto, o maior desafio, de imediato, é superarmos as nossas inconsistências no conhecimento das leis que embasam o ensino de música, buscando informações precisas e atuais a respeito delas. O outro desafio sucessivo a este é conhecermos em profundidade e criticidade tudo que concerne à Educação Musical (valores sociológicos, históricos e éticos da música), para estarmos aparelhados quando nos questionarem quanto à sua importância e

aplicabilidade na Educação Básica. Segundo Reimer (1970, p.4 apud FONTEERRADA, 2008, p.12)

O indivíduo que tem uma clara noção dos objetivos e metas de sua profissão, e que esteja convencido de sua importância, é um forte elo na cadeia dos indivíduos que também a abraçam; [...] a compreensão da natureza e do valor da profissão afeta inevitavelmente sua compreensão acerca da natureza e do valor de sua vida profissional.

De acordo com o texto, “a Filosofia de uma determinada área, atua como uma ‘consciência coletiva’”, ou seja, se nós, que ainda estamos em formação, não buscarmos uma coletividade rumo a uma unidade no conhecimento a respeito da nossa área, dos nossos direitos e também do direito de todos à Educação Musical, todo o nosso trabalho será inútil. Ao finalizar uma licenciatura estamos apenas encerrando uma etapa da nossa formação. Geralmente o anseio é colocar em prática o que aprendemos na faculdade. No entanto, a realidade quanto ao ensino de música não é tão satisfatória devido à falta de abertura de vagas nas escolas.

Uma de nossas perspectivas é a redação dos documentos que têm validado a inserção do ensino obrigatório de música na Educação Básica e a conscientização ativa dos profissionais da área que têm se colocado na luta pelos direitos do aluno e do profissional da licenciatura. Mesmo a ampliação de vagas para professores de música se dando lentamente, esperamos que, com o tempo, esta obtenha um alcance maior, afinal nem todo processo é rápido, muitos duram uma jornada de anos. No entanto, nossa motivação deve permanecer viva pela importância da Educação Musical e a colaboração que ela pode dar ao nosso contexto educacional, para a construção de uma cultura mais consciente e sólida.

Para tanto, é necessário que algumas medidas sejam tomadas, a partir da nossa formação, como: o acadêmico precisa ser devidamente orientado por tutores, a respeito das especificidades do curso de música, a partir de seu ingresso na faculdade, e a média de avaliação qualitativa ser mais minuciosa, pois é a consciência a respeito das nossas finalidades com o curso, logo no início, que determinará a nossa consistência, durante todo processo de legitimação dos conhecimentos pedagógicos e técnicos, teóricos e práticos na

área. Logo, isso determinará como nos posicionaremos na luta pela implementação do ensino de música nas escolas, devendo ser cobrado às autoridades competentes com ações legais pelo ministério público, para que sejam abertas vagas em concurso para a nossa área (Arte) e inserção do ensino de música, já que este está devidamente ancorado nas leis como ensino obrigatório. Superar, primeiramente as nossas inconsistências, com respeito à formação, é suficiente para nos sensibilizarmos a nos envolver no processo de solução dos problemas educacionais no ensino de música.

3.1 Aprendendo a Fazer

O professor em experiência de estágio, que está aprendendo a fazer, sendo o estágio do processo, não está habilitado a contento, tendo em vista que ainda não concluiu a graduação. No entanto, um professor que leciona a disciplina de Arte sem estar devidamente habilitado na área, mesmo tendo experiência de anos de docência, ainda que consiga transmitir os conteúdos, não o fará de maneira satisfatória como um professor graduado ou em processo de graduação o faria, do contrário não haveria necessidade de licenciaturas específicas. Dentro do contexto do C.E. Prof. Newton Neves, na disciplina de Arte, não havia nenhum professor com habilitação na área, sendo que a escola com 9 turmas necessitaria, no mínimo, de 2 professores (levando em conta apenas uma linguagem). Isso se constitui em prejuízo para os alunos.

Dentro da prática em sala de aula, *aprender a fazer* não tem a ver unicamente com ensinar o que se sabe, mas compartilhá-lo de forma relevante e contextualizada, a fim de preparar o aluno para a vida. Durante o estágio, onde o professor compartilha o conhecimento que recebe durante a sua formação, ele não só aplica algo que aprendeu, mas aprende a fazer no contexto real, tornando pertinente as informações obtidas na licenciatura. A metodologia, a didática e a motivação do professor, podem elevar ou minimizar o alcance dos objetivos que uma educação de qualidade e íntegra confere como direito ao aluno. Isso significa que é preciso *fazer* o Ensino do jeito certo, e nesse ponto de vista a qualidade do ensino está diretamente ligada ao saber fazer pedagógico, ou seja, à qualidade do professor. Segundo Delors (2003, p.159), “melhorar a qualidade e a motivação dos professores deve, pois, ser

uma prioridade em todos os países”. Por isso, um professor em formação, permanece *aprendendo a fazer* por toda a vida.

Um aspecto importante, na formação do professor, observado pela experiência em estágio, é que deve haver uma identificação com a faixa etária com a qual desejamos trabalhar, assim a nossa prática será mais produtiva e prazerosa. Nesse quesito o estágio é pontual, pois proporciona ao graduando a oportunidade de fazer essa identificação. A definição da faixa etária exigirá um conhecimento mais específico sobre ela, isso instrumentalizará mais o professor. Saber sobre o comportamento humano em suas fases de vida torna-se imprescindível para o sucesso da prática pedagógica, e esta, de maneira efetiva, ajuda o aluno a inserir-se no contexto de suas relações com a cultura e a sociedade. A idade dos alunos, entender a faixa etária em meio à complexidade da fase adolescente, também foram algumas das dificuldades apontadas por estagiários do Ensino Médio nos questionários.

Acredito que ainda haverá muitas perguntas a serem suscitadas quanto ao saber fazer do professor de música durante sua jornada. O Estágio suscitou muitos questionamentos a respeito da nossa prática e da licenciatura. Dependendo da nossa perspectiva, esses questionamentos podem diminuir nosso ânimo ou nos desafiar a lutar pela Educação Musical. Através do contexto educacional vivenciado no estágio foi possível compreender a dimensão da nossa responsabilidade quanto à prática pedagógica e, a partir dela, com a educação brasileira. Portanto, nossa prática, o saber fazer, jamais poderá ser construída sem o devido conhecimento e apropriação do contexto em que nos encontramos hoje no Brasil e no mundo. E para isso o professor em formação precisa aparelhar-se de um *conjunto de saberes* essenciais à uma prática pedagógica relevante. Delors (2003, p.152), diz que:

Os professores têm um papel determinante na formação de atitudes – positivas ou negativas – perante o estudo. Devem despertar a curiosidade, desenvolver a autonomia, estimular o rigor intelectual e criar as condições necessárias para o sucesso da educação formal e da educação permanente. O papel do professor enquanto agente de mudança, favorecendo a compreensão mútua e a tolerância, nunca foi tão patente como hoje em dia. Este papel será ainda mais decisivo no século XXI.

Aprender a fazer ampliou toda a perspectiva sobre o nosso papel como professores, cabendo agora, uma sensibilização ao que precisamos nos tornar, se ainda não o somos.

3.2 Aprendendo a Ser: traçando um perfil

Pensando na quantidade de atestados que avistava por motivos de doença no quadro de avisos da escola, percebi a necessidade de refletir e escrever sobre o perfil do professor. Em meio a tanta rapidez de informações e demandas da vida, como concebemos a nossa profissão e nos percebemos em meio a toda a multiplicidade do tempo? Precisamos buscar constantemente as respostas para que tudo em nós possa ter intencionalidade. De acordo com Freire: “fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser.” (2002, p.58). Isto é, devemos estar atentos às nossas atividades e o quanto as realizamos com consciência e sensibilização.

Ser professor é muito mais que ser especializado em uma disciplina. Ser professor é ser um facilitador de processos, estar comprometido consigo mesmo, com o outro (aluno) e com a sociedade. Em nossa profissão não há espaço para o individualismo. Isso nos leva a perguntar: estamos de fato comprometidos¹⁰ com a Educação, dispostos a *arriscar* tudo para que o nosso trabalho consiga produzir o fruto desejado e idealizado por tantos homens e mulheres (alguns morreram pela causa da educação) que se dedicaram a estudar e formular técnicas, didática e conhecimento sobre a prática pedagógica, para facilitar o processo de aprendizagem? Queremos produzir uma cultura forte e solidificar processos que culminem na transformação da sociedade para um futuro de oportunidades iguais? Se respondermos a essas perguntas, perceberemos o quanto precisamos pensar no perfil profissional que desejamos ter.

Aprender a ser nos fará enxergar quem somos e quem precisamos nos tornar ao longo da nossa jornada. Como pessoas que também desempenham papéis como cidadãos na interação com outros, é necessário que sejamos investigadores de nós mesmos, o que nos leva a fazer algumas perguntas: Como os professores se veem? Como veem o seu trabalho? Segundo John Maxwell (2007, p.24) “quem você é determina o que você vê”. Será que nós,

¹⁰ Comprometer: obrigar por compromisso, dar como garantia, arriscar. CUNHA (1997, p.202)

professores, temos clareza de nosso papel, sabendo lidar consigo mesmo e cuidar-se física e psicologicamente, para que possam proporcionar experiência semelhante ao seu aluno?

Como afirma Barbosa (1998 apud FUCCI-AMATO, 2012, p.94):

O professor-educador que não é capaz de lidar internamente e em profundidade consigo mesmo, não se encontra aparelhado para proporcionar experiência semelhante a uma outra pessoa humana; não será capaz de proporcionar ao educando uma experiência de implicação consigo próprio quem não foi capaz de experimentá-la em si.

Recentemente participamos em Brasília de algumas palestras bem significativas. Em uma delas, o médico Ortomolecular Dr. Ícaro Alcântara explicava sobre o funcionamento do cérebro e tudo que ele pode realizar em nosso físico e emocional, percebemos o quanto precisamos compreender nossa humanidade e nossa totalidade. Uma hora de informações úteis trouxe possibilidades gigantescas e abordagens fantásticas a respeito desse órgão tão importante para a absorção do *conhecimento*, o cérebro.

Em sua abordagem sobre os cuidados com o cérebro percebemos que pequenos hábitos como: tomar água de hora em hora e respirar corretamente, atitudes essas que geralmente ignoramos ou *esquecemos* (uma das causas da falta de cuidado com o cérebro) de fazer, poderão implicar no insucesso de seu funcionamento e logicamente do corpo. O que essas informações têm a ver com o nosso perfil? Tudo. Não somos só sentimento e raciocínio, algo imaterial que não necessita do bom funcionamento do corpo. E para que estas atividades das faculdades humanas culminem em relacionamentos interpessoais saudáveis, relações às quais o nosso trabalho de professor está totalmente vinculado, necessitamos que o nosso cérebro, segundo o palestrante, “responsável por todo *condicionamento físico e emocional*”, tenha perfeita saúde, e, para isso, ele depende que nossos hábitos o ajudem a trabalhar a nosso favor. Sabemos que precisamos de saúde física e emocional para executarmos bem as atividades do trabalho, sendo este, fundamental na produção de cultura e no desenvolvimento da sociedade. Com base nas abordagens acima, podemos concluir que se saúde for sinônimo de força (física e emocional) de trabalho, homens saudáveis serão capazes de produzir uma cultura forte com relacionamentos fortes.

É necessário que nos tornemos professores, que utilizemos de fato a atividade de reflexão e análise sobre o que somos, fazemos e sentimos, para que possamos ser pessoas e profissionais melhores e vejamos a vida com mais compromisso com o micro (nós) e o macro (sociedade), pois isso mudaria a forma como vemos nossos alunos e nosso trabalho. Albert Einstein disse que: “Só se começa a viver quando se vive para os outros” (apud MAXWELL, 2007, p.85). Se compreendêssemos essa frase, perceberíamos que ser professor é entender que estamos a serviço de pessoas, logo, uma educação relevante só pode basear-se nesses preceitos; e como diz Celso Antunes “todo professor é e sempre será artesão de amanhã” (2013, p.32), ou seja, sempre trabalhará na construção de pessoas. Morin (2003, p.54) afirma que: “é a cultura e a sociedade que garantem a *realização* dos indivíduos, e são as *interações* entre indivíduos que permitem a perpetuação da cultura e a *auto-organização* da sociedade” (grifo nosso). Isso significa que, para evoluirmos como seres humanos integrais, precisamos nos enxergar assim para que busquemos o pleno desenvolvimento, dispostos a compartilhar experiências, informações e produzir conhecimento através das nossas interações, especialmente na prática em sala de aula, produzindo uma cultura mais significativa e uma sociedade mais organizada.

Pensar um perfil a partir do estágio é, primeiro: apropriar-se de todo conhecimento agregado através dos relacionamentos e experiências obtidas. Jamais poderemos ignorar ou tentar viver com retalhos, sempre tentando costurar o que a realidade nos tem proporcionado. Pelo contrário, acredito ser a nossa melhor atitude construirmos nossa história como um livro, onde o passado sempre fará sentido no presente e o presente sempre nos projetará para o amanhã, ou mesmo como uma bela pintura, onde as cores quem determina é a vida, mas os traços e contornos quem fará somos nós. Para tanto não podemos descartar nenhuma parte de nós mesmos, buscando sempre nos refazer em meio às dificuldades. Segundo: conceber-se como professor cidadão e comprometido com as realidades que nos cercam, atentos se os objetivos que nos trouxeram a essa licenciatura são suficientes para continuar a conduzir-nos à construção de uma Educação plena e cidadã.

Precisamos ser capazes de acreditar na superação da humanidade, e não somente em sua capacidade de adaptar-se – característico à sobrevivência. Como diz Lara: “pelo

trabalho o ser humano não só produz as condições materiais de vida, mas se produz, se forma, se realiza” (1998, p.24), ou seja, o homem que aprendeu a viver em *presença* (consciente das consequências de seus atos) e tem domínio sobre tudo o que produz, encontrou o caminho para a viver e construir história. Por meio das relações não só com humanos (ambiente sócio histórico), mas também com o ambiente natural (natureza), que, ainda segundo Lara (1998, p.34), “nem o ser humano existe sem a natureza, nem esta sem ele, que dela emerge, pelas próprias forças que a constituem”, o homem em formação, que está aprendendo a *ser*, é aquele que aprendeu a participar integralmente desse *todo*¹¹, e entendeu que isso só se dará com o conhecimento, por meio da Educação.

4 ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA

Os dados da pesquisa foram coletados por meio de um questionário aplicado com graduandos, onde obtivemos 14 respostas, sendo 6 (47%) de alunos que ainda estão cursando o 8º período e 8 (53%) já concluíram a graduação. A preferência por esse público se deu por causa da pesquisa, que se destina a estudar a experiência de Estágio Supervisionado no Ensino Médio, e somente os alunos concludentes ou do 8º período estão ou já passaram pelo processo de estágio nessa fase. Assim o questionário teve o objetivo de investigar a perspectiva dos graduandos formados e em formação a respeito do Ensino de Música nessa etapa da Educação Básica, na busca de conhecer entraves, pontos positivos e negativos da experiência, a importância da formação e suas implicações. Também foi necessário, a aplicação de um questionário com a gestão do campo de estágio para verificar os pontos de vista de uma autoridade competente a respeito da importância dada à educação musical e à implementação do seu ensino na escola campo atualmente.

Os dados revelaram a importância e a necessidade da implementação do ensino de Música na Educação Básica, tendo em vista que os alunos da rede pública demonstraram grande interesse pelo conteúdo musical durante os estágios, e já foram aprovadas a Lei

¹¹ Na filosofia Kantiana, totalidade é “uma das doze categorias do entendimento e uma das categorias da quantidade, realizando a síntese da unidade e da pluralidade e tornando possíveis os juízos singulares. A totalidade não é outra coisa senão a pluralidade considerada como unidade. (JAPIASSU, 1996 apud FAZENDA, 2002, p.102)

11.769/08, que torna obrigatório o Ensino de Música, e a Resolução 2/2016, que obriga as Secretarias de Educação a planejarem a inserção desse ensino nas escolas, assim como a contratação de professores habilitados na área.

4.1 Percepção do questionário aplicado com os graduandos

De acordo com as respostas sobre os desafios da Educação Musical no Ensino Médio (questão 1), podemos dividir os resultados em dois grupos, tendo em vista a semelhança de respostas sobre o assunto:

A) *Desafios estruturais* – a não implementação do Ensino de Música que inviabiliza a compra de material e preparo de espaço para as aulas de música, pois não havendo a implementação do Ensino não há investimentos; há a desvalorização do professor de música (Arte) e do Ensino de Música. B) *Desafios Pedagógicos* – falta de apoio pedagógico dentro do campo de estágio, falta de professores de música no quadro de funcionários para interação com os estagiários, falta de planejamento pedagógico para elaboração de um conteúdo programático, denotando ausência da música no PPP da escola.

De acordo com Delors (2003, p.162), “Uma formação de qualidade supõe que os futuros professores sejam postos em contato com professores experimentados e com pesquisadores que trabalham em suas respectivas disciplinas”. Quanto às dificuldades enfrentadas no estágio, questão 2 do questionário, a realidade com a qual nos deparamos, infelizmente não foi a de vivenciar no estágio essa interação, como ressaltou também o estagiário K (Ter professores nas Escolas com formação na área musical para interagir com o estagiário). O sentimento é de que somos precursores no ensino de música, esperamos que pelo menos, a médio prazo, essa realidade seja outra.

Mediante as variadas respostas, percebemos que ainda há uma desigualdade estrutural no Ensino Básico ou improbidade administrativa dos recursos, pois a dificuldade de 2 dos respondentes foi a falta de recursos básicos como, data show, notebook, caixa de som, realidade que também se apresentou diante do nosso contexto, cabendo a nós a responsabilidade de levar tais recursos para a sala de aula, caso não quiséssemos mudar a metodologia no plano em pleno horário de aula. Sabemos que em pleno século XXI, é inadmissível a Escola não dispor desses recursos, no entanto, não podemos nos indispor pelo compromisso que temos com a Educação. Em meio a essas dificuldades que também estavam

diante de nós em nosso contexto, buscamos ultrapassá-las. A criatividade, portanto, deve fazer parte da bagagem do professor. As dificuldades mais relatadas estão intimamente ligadas à desvalorização e à falta de conhecimento a respeito do Ensino de Música, segundo nossa análise, com base em algumas respostas como transcritas abaixo.

Estagiário A: A maior dificuldade desse estágio foi sobre o direcionar musicalmente seres tão receosos à exposição, lidar com a pressão escolar dos professores quanto a resultados musicais dos alunos e etc. Falta de credibilidade atribuída à Arte/Música no ensino médio; a dificuldade de seguir um referencial que tenta unificar mas acaba fragmentando as linguagens, deixando o aluno muitas vezes desinteressado e desorientado. (Dados da pesquisa 2019)

Estagiário C: A maior dificuldade foi como introduzir a música e como torná-la importante na escola, tanto para os alunos como para toda a comunidade escolar, além de quais métodos e quais conteúdos poderiam ser abordados nessa faixa etária. (Dados da pesquisa 2019)

Estagiário D: Uma falta de estrutura adequada para as aulas de música nas escolas regulares, as diferentes expectativas dos alunos com relação as aulas de música, a falta de interesse por parte de alguns, além do mais, saber lidar com as diferenças musicais que os alunos levam para dentro da sala de aula é desafiador. (Dados da pesquisa 2019)

Estagiário E: Aceitação da disciplina por parte de algumas instituições de ensino, assim também como a de alguns gestores. (Dados da pesquisa 2019)

Estagiário I: A música deixar de ser ensinada como mais um componente de arte e ser uma matéria exclusiva. 2- A música deixar de ser ensinada no contraturno e passar a ser ensinada no horário regular. 3-A música ser ensinada de forma mais abrangente e não apenas servir de ensaio para datas comemorativas. (Dados da pesquisa 2019)

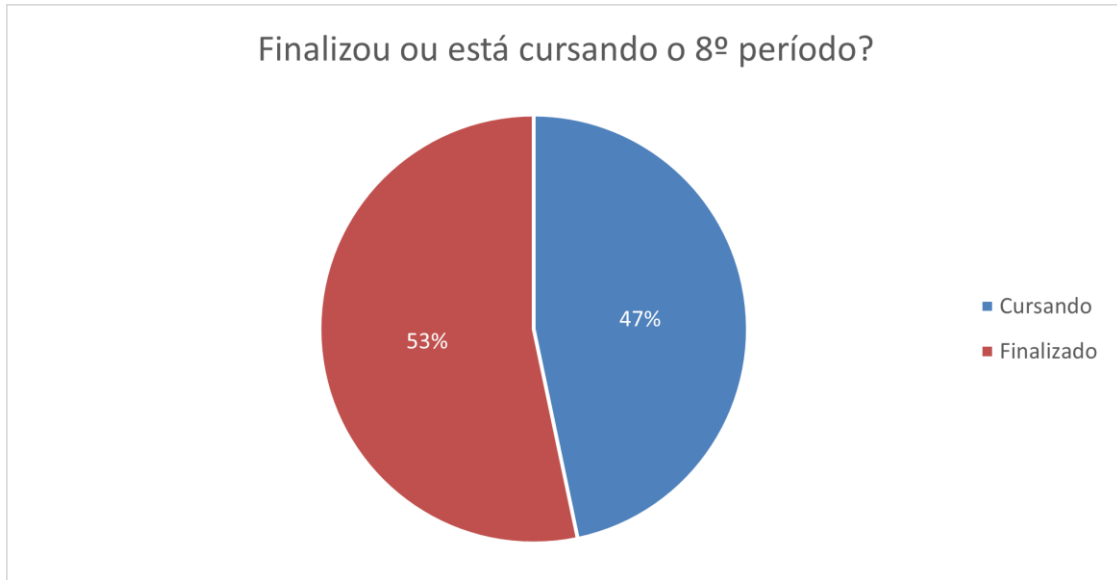
Estagiário M: Não implementação do ensino de música na Educação Básica; falta de planejamento e investimento por parte do governo do Estado; falta de engajamento de estudantes de graduação e professores de música pela implementação do ensino de música. (Dados da pesquisa 2019)

Essas dificuldades são apenas algumas, que se tornam desafios a serem vencidos e que ainda vamos encontrar pelo caminho até que a Educação Musical alcance boa parte da população brasileira, por meio da inserção do ensino de música em nosso contexto educacional.

No questionário para os graduandos que já passaram pelo estágio no ensino médio é possível perceber que entre os desafios para o ensino de música no ensino médio, segundo o graduando A, há “a falta de credibilidade atribuída à Arte quanto ao ensino de música”, realidade também encontrada em sala de aula em nosso contexto de estágio, onde os alunos

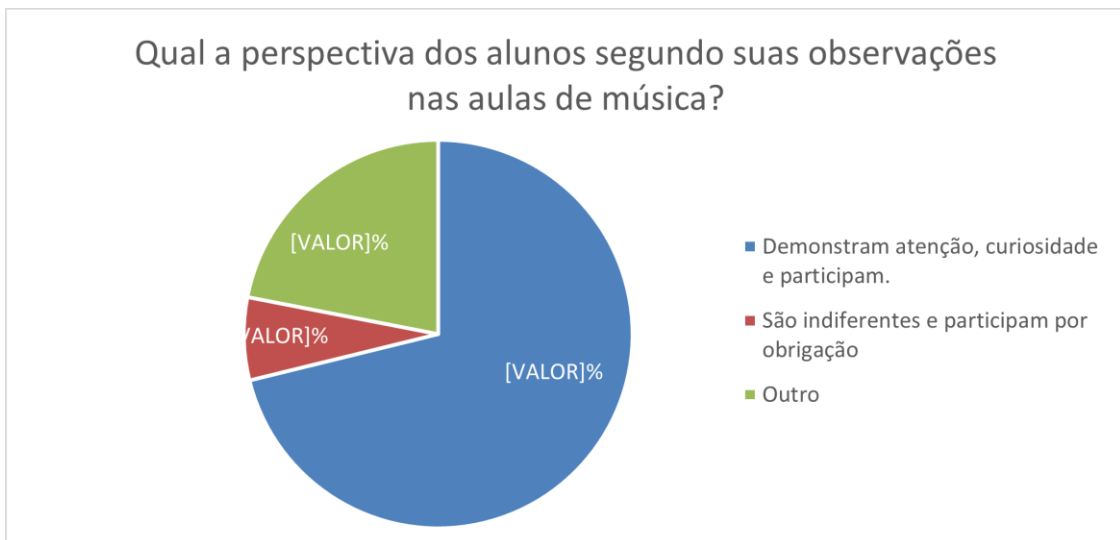
passaram a valorizar mais a disciplina de Arte após o estágio e “a organização pedagógica na prática de ensino de música vinculado somente à execução musical”.

Gráfico 1 – Equivale ao número de graduandos participantes da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

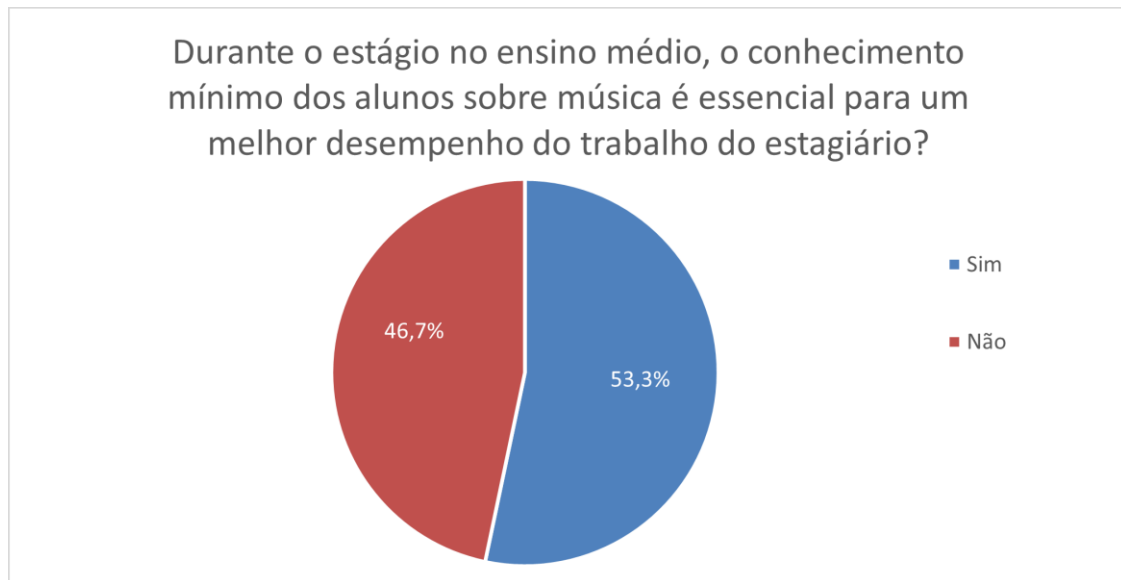
Gráfico 2 – Receptividade dos alunos quanto ao Ensino de Música



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Por meio dos dados acima é possível perceber que há um interesse de grande parte dos alunos pelo Ensino de Música. Isso significa que, de fato, o ser humano tem essa necessidade de interação com a Arte e, mais particularmente, com a música.

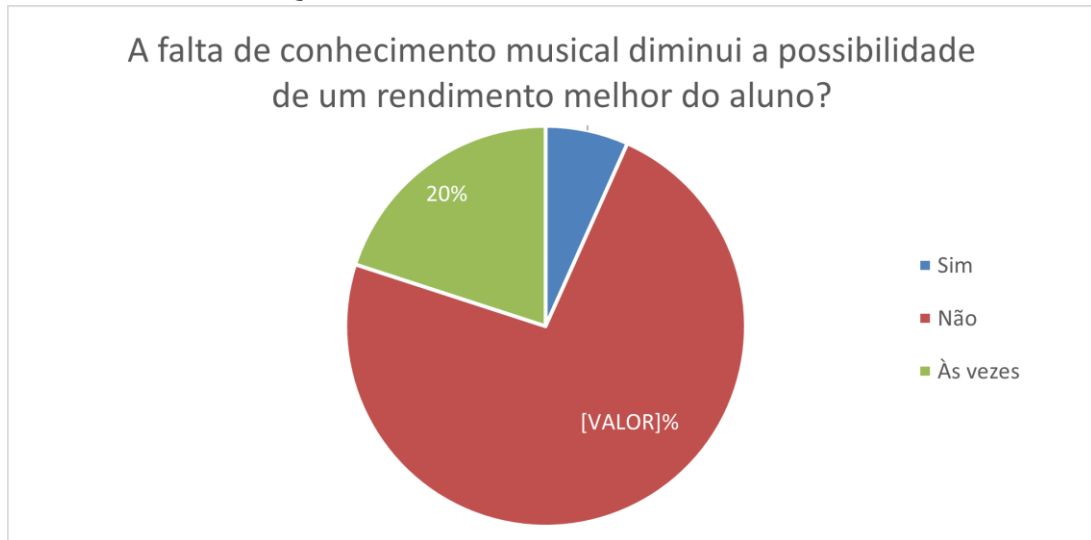
Gráfico 3 – Quanto ao nível de conhecimento musical dos alunos



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Como vemos no gráfico acima, 53,3% dos estagiários, declararam que mesmo sem um conhecimento mínimo dos alunos sobre música, isso não se constitui em uma dificuldade no seu desempenho como professor. No entanto, 46,7% tiveram algum tipo de dificuldade no desenvolvimento de sua prática pela falta de um conhecimento musical mínimo dos alunos no Ensino Médio.

Gráfico 4: Quanto ao nível de conhecimento musical dos alunos



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Na concepção dos graduandos respondentes, 73,3% dos alunos do ensino médio não tem dificuldade no seu rendimento quanto ao conteúdo musical. Isso pode significar que, sendo musicalizados na infância ou quando possuem uma boa influência musical, eles deverão interagir melhor. 20% responderam outro, e 6,7%, apesar de minoria, poderia denotar algumas questões como: será que o rendimento está vinculado à prática pedagógica? À escolha de conteúdos mais fáceis? Ao público de alunos (quanto à classe social e acesso musical)? Aqui não poderemos responder a essas perguntas, no entanto, podemos afirmar pelo percentual adquirido na pesquisa, levando em conta as margens de erro das nossas avaliações, que: ao ser implementado o Ensino de Música nessa etapa, mais de 50% da população estudantil do ensino médio sofrerá pelos anos em que a música esteve ausente de nossas escolas, e o professor de música precisa estar preparado para a missão de alfabetizar musicalmente quem já deveria ter sido musicalizado na infância.

De acordo com o questionário, apesar de em muitos contextos os alunos não terem acesso à musicalização no ensino fundamental ou na educação infantil, a regência das aulas de música não sofreu ou sofre prejuízo, pois os alunos respondem bem ao ensino e, na maioria dos casos, são participativos. Mas vale ressaltar que, no ensino médio, os alunos deverão,

segundo a BNCC, aprofundar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental. Será que os alunos que não foram musicalizados, poderiam, por exemplo, tocar ou cantar, improvisar ou escrever uma música em partitura caso essas fossem atividades trabalhadas no estágio? Mesmo sabendo que a atenção e o rendimento deles dependem muito da abordagem do professor, a falta de um planejamento do ensino musical, infelizmente se constitui uma dificuldade para o estagiário, pois, segundo as declarações nos questionários, no que diz respeito ao conteúdo, ainda não há um programa de curricular para música, a serem trabalhados no ensino médio, portanto é difícil alcançarmos um rendimento mais sólido em apenas um período de estágio.

A questão 5, sobre a perspectiva para o professor de música em formação atualmente, 10 entre 14 entrevistados respondentes, demonstraram preocupação pela *incerteza quanto a ofertas de vagas* nas escolas públicas para o professor de música e a valorização do profissional e do Ensino. A sensação que temos é de um entalo na garganta. Como é possível terminar uma licenciatura e não haver perspectiva quanto a oferta de vagas para o professor? Precisamos unir forças a favor de uma sensibilização quanto ao conhecimento e a importância dada à Educação Musical e à Disciplina de Arte em nossos contextos.

As verificações do questionário dos graduandos respondentes, demonstram que precisamos nos envolver no processo de inserção do ensino de música nas escolas, como cidadãos que conhecem os direitos de uma sociedade democrática, sujeita à uma constituição que garante a todo cidadão o direito à Educação e à dignidade pelo trabalho e, como professores em constante formação, em busca de uma realidade educacional justa e de qualidade.

4.2 Percepção do questionário da gestão do C.E. Prof. Newton Neves

É importante ressaltar que esse questionário foi aplicado com a gestão geral do nosso campo de Estágio. Portanto, teremos aqui apenas um ponto de vista, no entanto ele não deixa de ser relevante, pois subentende-se que a gestão de uma escola, segundo as novas

diretrizes sobre a gestão democrática¹², representa todo um corpo docente, tendo em vista que é uma escolha pública da comunidade escolar.

Na tabela abaixo, descreveremos as respostas às questões 1, 2 e 3:

Perguntas	Respostas
Você considera importante que haja atividades de educação musical para os alunos de ensino médio?	Sim
Há atividades constantes de educação musical na escola?	Às vezes
Qual o intervalo de tempo que você considera razoável para se manter uma atividade musical para os alunos de ensino médio?	Semanalmente

As respostas acima mostram que a gestão reconhece a importância de haver atividades musicais na escola semanalmente, no entanto, essa importância não é suficiente para que haja um planejamento dessas atividades.

Como dito anteriormente, no capítulo sobre o estágio, “a ausência de professor qualificado”, é um dos desafios da Educação Musical no Ensino Médio, declarou, mas a Secretaria de Estado não contratará professores de Música se não há um planejamento prévio para sua implementação e, portanto, não haverá oferta de vagas e nem procura.

A questão 4, sobre a implantação do Ensino de Música no Currículo, e a questão 5, sobre a importância dele para a formação do aluno, revelam a razão pela qual não existe esse planejamento, como descrito abaixo.

Resposta 4: A música tem um grande poder de interação, porém não tem um papel de grande destaque no currículo da escola, mas devemos ressaltar que a música abraça aspectos importantes com propósitos educacionais, como a emoção, alegria e compromisso. Resposta 5: A música possui um grau bem elevado, pois os treinos musicais aprimoram a coordenação motora, oralidade, além de ser uma inovação em sala de aula, devido ao estímulo à criatividade. (Dados da pesquisa, 2019)

¹² Meta 19: assegurar condições, no prazo de 2 (dois) anos, para a efetivação da gestão democrática da educação, associada a critérios técnicos de mérito e desempenho e à consulta pública à comunidade escolar, no âmbito das escolas públicas, prevendo recursos e apoio técnico da União para tanto. (PNE, 2014, p.59)

É possível notar que: primeiro, as informações sobre música são bastante abrangentes, mas não são coesas, demonstrando superficialidade e, apesar da descrição de várias qualidades da música, isso não é suficiente para que as autoridades venham inseri-la no ambiente escolar. Segundo: percebemos, de fato, que há uma necessidade de sensibilização das autoridades competentes quanto a importância do Ensino de Música, de forma que a Educação Integral, descrita na BNCC, seja garantida, sendo esse o compromisso de todos os gestores.

A sincera declaração da gestão, demonstra um conceito empírico ou superficial acerca da importância da música e afirma que, de fato, não há garantia do conteúdo musical dentro do currículo, pois não há, segundo ela um “destaque no currículo da escola”, para o seu ensino. Para os professores graduandos em música fica o questionamento: para onde iremos se não há oferta de vagas para o ensino de música na Educação Básica? Com isto o estágio se torna uma porta de reflexão e despertamento para empreendermos ações para a inserção do ensino de música na Educação Básica.

CONCLUSÃO

Diante das análises e reflexões sobre cada assunto abordado, vemos que ainda há um longo caminho a percorrer para que a Educação Musical no Brasil conquiste o seu espaço, tão desejado pelo professor e educador musical. E para começarmos a trilhá-lo, primeiramente é necessário que estejamos comprometidos com a construção de um conhecimento pertinente que comporte a multiplicidade da nossa era, garantindo o acesso à formação plena do educando, pois assim está descrito na BNCC, PNE, LDB, leis e resoluções da Educação Brasileira, da qual a Educação Musical é parte integrante. Para tanto, foi importante refletir sobre a prática pedagógica crítica e reflexiva como mediadora de nossas ações em sala de aula, e nossa postura como professores reflexivos, pois, para promovermos Educação plena a outros, devemos primeiro *ser*.

As experiências que o estágio proporcionou nos fizeram amadurecer como profissional e como pessoa. Conhecer a realidade micro da Educação Musical em nosso contexto nos fez refletir sobre a realidade macro de nosso país. Apesar de tantas leis que obrigam a inserção do Ensino de Música na Educação Básica, a realidade revelou o descaso no planejamento desse ensino, nos mostrando o quanto ainda precisamos investir em ações políticas/pedagógicas para garantir o seu acesso. Poder enxergar os desafios mudou e ampliou nossas perspectivas quanto à Educação Musical, nos fazendo aceitar a missão de permanecer construindo os caminhos que forem necessários em nós e através de nós, para que um dia possamos contemplar uma nação educacionalmente musicalizada.

Por meio deste trabalho ampliamos nossa reflexão a respeito da importância de aplicar todo o significado que a Educação deve ter na sua prática. A vivência com os alunos do Ensino Médio demonstrou que o ser humano parece carregar de forma intrínseca a sede pelo conhecimento, mas este sem a Educação, didática e pedagógica, filosófica e sociológica, democrática e ética, poderá não alcançar seu principal objetivo, a formação integral do ser humano e, a partir desta, a organização de uma sociedade mais consciente e justa. Logo, expor diante dos alunos os horizontes do conhecimento, possibilitando a mudança das lentes atuais com as quais nos deparamos no estágio, é mais que um dever. O professor que entendeu sua participação como coautor na história da humanidade, encontra na sala de aula o melhor laboratório de construção do conhecimento, inspirando outros (alunos) a aprenderem a conhecer, a conviver junto, a fazer com e para o outro, e assim, todos (corpo discente e docente) vão sendo construídos, e tornam-se único, mas, conscientemente, parte de um todo. Desta forma, os pilares da Educação vão formatando uma sociedade mais forte e unida, com mais prosperidade e igualdade.

As defasagens encontradas no ambiente escolar, não são suficientes para impedir que o professor em formação, consciente da importância que o seu trabalho tem na construção de uma sociedade, supere as dificuldades do dia-a-dia, e se torne um agente de mudanças. E para que as realidades à nossa volta sejam enxergadas como objetivos a serem alcançados e situações de aprendizagem, o professor em formação precisa aprender a fazer e se refazer na

sua prática, a partir do próprio critério de sua formação que não é somente profissional e pedagógica, mas sobretudo humana e cidadã.

A análise da pesquisa com os graduandos, demonstrou defasagens quanto ao conhecimento apropriado das leis e da Educação Musical, mas também é possível perceber o anseio para que o campo de trabalho se amplie para o professor de música. No entanto, ainda há muitos desafios, muito para conhecer e desenvolver. Portanto, não podemos permanecer inertes, e nem *correr atrás do prejuízo* como se as soluções dos problemas dependessem apenas de mecanismos projetados por alguns homens, mas devemos buscar no conhecimento histórico as razões que configuraram a nossa Educação atual, e nos munir de todos os fundamentos para mudar essas realidades e impedir os retrocessos, pois a Educação ainda é o maior mecanismo de transformação do ser humano. Por isso consideramos que a palavra que deve permear a nossa prática atualmente precisa ser *otimismo*. Devemos apostar todo nosso esforço no desenvolvimento de uma prática voltada à construção do aluno/cidadão que também dará sua contribuição à sociedade, ajudando a melhorar o ambiente em que vivemos e construindo dias melhores, e para tanto, o Ensino de Música não deve ser excluído da nossa Educação Básica. Apesar da pesquisa com a gestão escolar do contexto do Estágio revelar que a música deva ser uma atividade presente na Escola, sua importância ainda não alcançou um lugar de relevância. Cabe a nós, professores de música, nos insinuarmos como cidadãos de direito e nos fazer ouvidos.

Acreditamos que tudo que foi exposto aqui, nos fará refletir sobre todo nosso papel como cidadãos e formadores de cidadania, abrindo caminhos para o desenvolvimento do conhecimento e daquele que é suprido por ele. As implicações disso é semear hoje, na certeza de que os frutos do nosso trabalho, sobrepondo-se às situações que buscam entrar o seu desenvolvimento e daqueles que dependem dele, sejam colhidos, garantindo que todos os processos que farão parte da nossa jornada sejam significativos, ainda que os resultados sejam alcançados a curto, médio ou longo prazo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professor Bonzinho = Aluno Difícil: A Questão da Indisciplina em Sala de Aula**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FAZENDA, Ivani. (org.) **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2002.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De Tramas e Fios: um ensaio sobre música e educação**. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2008.

FUCCI-AMATTO, Rita. **Escola e Educação Musical: (Des)Caminhos Históricos e Horizontes**. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 91 – 121.

CERVO, Amado Luiz. BERVIAN, Pedro Alcino. SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6ª Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2º Ed. 9ª impressão, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

DELORS, Jacques (org.). **Educação: Um tesouro a descobrir (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI)**. 8º Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF. MEC: UNESCO, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 34 eds. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

LARA, Tiago A. **A escola que não tive... O professor que não fui...** São Paulo, Cortez, 1998.

MAXWELL, John C. **Vencendo Com as Pessoas**. 2 eds. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2007.

MINAYO, M.C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis. Vozes, 2002.

MEC, Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto-Acerp. **Salto para o Futuro: Reflexões sobre a educação do próximo milênio**. Brasília, Estação das Mídias, 1998. 96p. (Série de Estudos. Educação à Distância).

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PAULA, Ercília Maria de; MENDONÇA, Fernando Wolff. **Psicologia do Desenvolvimento**. 2 ed. Curitiba, IESDE Brasil, 2009.

PENNA, Maura. **A Função dos Métodos e o Papel do Professor**. Em questão, como ensinar música. In: MATEIRO, Tereza & ILARI, Beatriz (Org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: IBPEX, 2011. (Série Educação Musical). p.13-24.

PENNA, Maura. **Música (s) e Seu Ensino**. 2ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PILETTI, Nelson. **Sociologia da Educação**. 18 ed. São Paulo, Ática, 2003.

ROMÃO, José Eustáquio. **Pedagogia Dialógica**. São Paulo, Cortez, 2002.

TOZZONI-REIS, Marília de Campos. **A pesquisa e a Produção de Conhecimentos**. In: PINHO, S. Z. (Org.). **Cadernos de Formação de Professores**. Educação, Cultura e Desenvolvimento. Volume 3. São Paulo: Cultura Acadêmica. v. 3, p. 5 – 38. 2010.

SITES CONSULTADOS

BOOHT, Andrew. BOOHT, Marta. Disponível em: www.tecnicaalexander.com.br/?page_id=108. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

BUENO, Roberto Eduardo; BUENO, Paula Alexandra Reis. Uma Proposta Metodológica para se Ensinar Musica Musicalmente. Paraná: III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=BUENO%2C+Roberto+Eduardo%3B+BUENO%2C+Paula+Alexandra+Reis.+Uma+Proposta+Metodológica+para+se+Ensinar+Musica+Musicalmente.+Paraná%3A+III+Encontro+Sul+Brasileiro+de+Psicopedagogia%2C+2009&btnG=. Acesso em: 26 de abril de 2019.

CANALI, Heloisa Helena Barbosa. A Trajetória da Educação Profissional no Brasil e os Desafios da Construção de um Ensino Médio Integrado à Educação Profissional. Pará: UFPA, 2009. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=a+educa%C3%A7%C3%A3o+e+a+revolu%C3%A7%C3%A3o+industrial+no+brasil&btnG=. Acesso em: 10 de novembro.

CIAVATTA, Maria e RAMOS, Marise. **Ensino Médio e Educação Profissional no Brasil: Dualidade e fragmentação**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 5, n. 8, p. 27-41, jan. / jun. 2011. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em: abril de 2019.

GOLDEMBERG, Ricardo. **Educação Musical: a Experiência do Canto Orfeônico no Brasil**. Pro-proposições, São Paulo: vol. 6, n. 3, 1995. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=educa%C3%A7%C3%A3o+musical+no+Brasil+e+ensino+de+m%C3%BAlica&btnG=. Acesso em: 06 de novembro.

MEC. Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino. **Planejando a Próxima Década: Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação**. MEC/SASE, 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/programas-metas>. Acesso em: 07 de outubro.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução Nº 2, de 10 de maio DE 2016 (*)**: Diretrizes Nacionais para a operacionalização do ensino de Música na Educação Básica. CNE.

Disponível em: [portal.mec.gov.br > docman > maio-2016-pdf > 40721-rceb002-16-pdf](http://portal.mec.gov.br/docman/maio-2016-pdf/40721-rceb002-16-pdf). Acesso em 16 de outubro de 2019.

PENSADOR. SALES, Thaisa Rocha. **Frases de Thomas Jefferson**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTc1NDE4MQ/>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

PENSADOR (AGF). **Frases de Madre Teresa de Calcutá**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTc1NDE4MQ/>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

PINTO, Luiz Gonzaga O. Resumo das Metas e Estratégias. 18º Congresso Estadual de Educação da UDEMO. São Paulo 2011. Disponível em: <http://www.udemo.org.br/2011>. Acesso em 10 de outubro.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A Filosofia e a ética na educação**. Feusp 2009. Disponível em: [scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=etica+na+educação&btnG](http://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=etica+na+educa%C3%A7%C3%A3o+e+ensino+de+m%C3%BAAsica&btnG). Acesso em: 26 de abril de 2019.

SILVA, Gisele Reinaldo. **O Homem Moderno Fragmentado e a Complexidade em torno do Conceito de Identidade**. Rio de Janeiro: 2011, Revista Memento, V. 2, n. 2. Disponível em: [https://dialnet.unirioja.es > descarga > articulo](https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo). Acesso em: 26 de abril de 2019.

SOUZA, Jusamara. **Sobre as várias histórias da educação musical no Brasil**. UFRG, Porto Alegre. Revista da ABEM, Londrina: vol. 22, n. 33 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=educa%C3%A7%C3%A3o+m%C3%BAsica&btnG. Acesso em: 06 de novembro.

UEMANET, Núcleo de Tecnologias para a Educação. **Vestibulares 2019**. Disponível em: <http://www.uemanet.uema.br/vestibularead/?p=4096>. Acesso em: 17 de outubro de 2019.

URE, Itapecuru-Mirim. **Educação Quilombola e Ensino Médio: Relação Nominal com Resultado Final** Disponível em: [www.educacao.ma.gov.br > ure-itapecuru-mirim](http://www.educacao.ma.gov.br/ure-itapecuru-mirim). Acesso em: 19 de dezembro de 2019.

APÊNDICES

APÊNDICES A – ENTREVISTAS

Apresento aqui alguns dos depoimentos dos alunos, professor e gestão da escola, onde eles declaram a importância de a disciplina de Arte ter professores habilitados especificamente nessa área e suas perspectivas a respeito da disciplina de Arte e Música, antes e após a atuação das estagiárias, do curso de música no estágio.

Pergunta (estagiária): Qual o maior entrave que dificulta o rendimento dos alunos?

Resposta (Gestão): quando se fala em rendimento dos alunos, quando se fala da disciplina de artes, é a questão de ter o professor formado na disciplina de Arte, certo? Nós temos professores que trabalham com a disciplina de Arte, mas são professores de Português, até porque no último seletivo que teve foram classificados alguns professores, mas para a nossa escola só enviaram um e nem foi para a sede, ele foi para o Leite¹³. Mas também tem a questão disciplinar, o aluno não estar acostumado, por exemplo, à aula de Artes. Ele já vem com uma visão da aula de artes que ele tinha no ensino fundamental. Ele acha que Arte é só pintar. E hoje, aqui na escola, eles estão tendo uma visão diferenciada do que é uma aula de Arte. (Informação verbal, gravado em 19/06/2017)

Pergunta 1 (estagiária): Como você considerava a disciplina de música antes do estágio e como você considera hoje?

Resposta 1 (professora): Bom dia. Como eu vejo a disciplina antes? Relacionada à música, como algo superficial, eu não tinha esse conhecimento da abrangência que a música poderia trazer. Como eu tinha só o conhecimento superficial, não conhecia profundamente a música, como era antigamente, depois que as estagiárias, professoras estagiárias vieram, elas explicaram mais profundo, como é a música, como se deu o processo da música antigamente até a atualidade, os cantores, músicos famosos, com sua música e estrutura.

Pergunta 2 (estagiária): professora, e qual a importância da música, na sua opinião, para a aprendizagem e o crescimento dos alunos?

Resposta 2 (professora): a música é muito interessante, porque é uma prática metodológica diversificada e algo que atrai os alunos, o discente, porque trabalhando a música, vai ficar uma coisa mais divertida, é algo que eles gostam. Então é muito interessante trabalhar a música em sala de aula e no contexto em si.

Pergunta 3 (estagiária): E você considera que eles tiveram rendimento nessa disciplina no período de estágio? Como foi a reação deles na sua perspectiva?

¹³ Povoado Leite que se localiza a 28 km de distância do centro urbano.

Resposta 3 (professora): Quando eu falei para eles que tínhamos professoras que conheciam profundamente a música, a história da música, o contexto, eles ficaram muito empolgados, porque a música em si já é algo muito atrativo a eles, então eles gostaram bastante, devido ser algo bem familiar deles próprios e foi algo bem proveitoso, bem produtivo. (Informação verbal, gravado em 19/06/2017)

Pergunta (estagiária): Qual a tua visão, antes do estágio, do professor de Arte e qual a tua visão do professor de Arte agora, depois do estágio?

Resposta (Aluno A): Olha, antes, na verdade eu nem gostava de Arte, mas depois que vocês chegaram eu passei a gostar bastante de Arte. Eu vi que Artes é uma matéria bastante importante, como as outras matérias. Eu gostei bastante. [...] Antes a gente nem tinha professor de Arte. Na verdade tinha só aquelas *atividadezinhas* sobre Arte, e sempre achava chato. Agora eu acho bastante importante e eu gostei bastante, e eu queria até que vocês voltassem. (Informação verbal, gravado em 19/06/2017, grifo nosso)

Pergunta (estagiária): O que mudou no seu conceito sobre música depois do estágio?

Resposta (Aluno B): Para mim, depois do estágio de vocês mudou bastante, porque música para mim era só uma forma de me acalmar, meio como se diz, superficial. Depois do estágio de vocês eu pude ver que a música pode ir muito mais a fundo do que nós conhecemos agora. (Informação verbal, gravado em 19/06/2017, grifo nosso).

Pergunta 1 (estagiária): Como você via a disciplina de Arte antes do estágio e como você vê agora, depois do estágio?

Resposta 1 (Aluno C): Bem, quando eu estudava no nono ano, eu via o professor assim *malzão*, não falava nada sobre Arte, eu ficava assim... o que tem a ver, professor que não sabe nadinha e botam ele para ensinar Arte? Artes não é isso. Ai vocês chegaram aqui no Newton Neves, ensinaram Artes lá. Tudo a ver, tudo certinho, aí eu é..(palmas) professor sabe, falar, né, sobre o conteúdo, já outros professores não sabem, falam coisas que não tem nada a ver que não é Arte. É isso que eu penso.

Pergunta 2 (estagiária): Você achou que a disciplina de música foi importante?

Resposta 2 (Aluno C): Eu não sabia nadinha de música, *música antiga, música barroca*...Não sabia nem de onde que vinha nem para onde que ia. Eu aprendi, né?! Não muito, mas o básico. (Informação verbal, gravado em 19/06/2017, grifo nosso).

Pergunta (estagiária): Você considera a disciplina de música importante?

Resposta (Aluno D): Eu vou ser sincero, para mim música era só um tipo, mas depois de uma aula que eu tive com vocês eu achei que música para mim não é só aquele estilo que eu escutava, é muito mais do que isso. Tem vários tipos de música e eu acho que, no meu sentido, *era para ter uma aula, horários, só de música*, para entendermos o que a música quer dizer para nós. Porque aqui nessa escola realmente não tem aula de música, não tem aula de Artes. Não tem Artes, não tem Música, não

tem Educação Física, e *eu acho que era para ter um horário só de música, uma matéria só de música para gente aprender mais.* (ALUNO D, informação verbal, gravado em 19/06/2017, grifo nosso).

APÊNDICE B – FOTOS

FOTO DA FACHADA DA ESCOLA CAMPO



VISITA DO PROFESSOR SUPERVISOR NO ESTÁGIO



APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS DO 3º ANO SOBRE
MÚSICA E SOCIEDADE



APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS COM O 2º ANO SOBRE PAISAGEM SONORA



AULA DE SONS CORPORAL: DEMONSTRAÇÃO DOS ALUNOS

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO COM ESTAGIÁRIOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

Questionário para Alunos do Curso de Licenciatura em Música do 8º Período

SOBRE O ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO:

1º) *Escreva em ordem de importância: o que são, para você, os maiores desafios da Educação Musical no Ensino Médio atualmente.*

1º _____

2º _____

3º _____

2º) *Qual a maior dificuldade você enfrentou ou enfrenta no Estágio do Ensino Médio?*

3º) *Qual a perspectiva dos alunos, segundo suas observações, nas aulas de música?*

a) () demonstram atenção, curiosidade e participam

b) () são indiferentes e participam por obrigação

c) Outro _____

4º) *Quanto ao nível de conhecimento musical dos alunos:*

a) Durante o estágio no ensino médio o conhecimento mínimo dos alunos sobre música é essencial para um melhor desempenho do trabalho do estagiário. Sim () Não ()

b) A falta de conhecimento minimiza a possibilidade de um rendimento melhor do aluno. Sim () Não () às vezes ()

c) Outro _____

SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MÚSICA

5º) *O que você considera como sendo o maior desafio do professor de música em formação atualmente? Por quê?*

6º) *Qual a sua perspectiva com relação ao Estágio do Ensino Médio?*

7º) *Qual deve ser a postura do professor em formação em meio aos entraves que se apresentam durante o estágio?*

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO COM A GESTÃO DO CAMPO DE PESQUISA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA
Questionário para a Gestão do C. E. Prof. Newton Neves

1º) Você considera importante que haja atividades de educação musical para os alunos de ensino médio?

Sim () não () às vezes ()

2º) Há atividades constantes de educação musical na escola?

Sim () não () às vezes ()

3º) Qual o intervalo de tempo que você considera razoável para se manter uma atividade musical para os alunos de ensino médio?

Semanalmente () Quinzenalmente () Mensalmente ()

4º) Na sua opinião:

a) Qual o maior desafio para a Educação Musical no Ensino Médio atualmente?

b) Qual a importância da implantação da Educação Musical para o currículo Escolar?

5º) Com base no que diz a BNCC sobre a Educação para a vida e a educação integral, para você, qual o grau de relevância da educação musical para a formação dos alunos do Ensino Médio?

6º) Você considera que os alunos sofrem perda no conhecimento quando um professor graduado em outra área precisa completar a carga horária com a disciplina de Arte?

a) () Sim

b) () Moderadamente

c) () Não

d) () Outro. Qual? _____

ANEXO

ANEXO – LISTA DE CANDIDATOS APROVADOS NO EAD DA UEMA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
 ASSESSORIA DE CONCURSOS E SELETIVOS DA REITORIA - ASCONS
 DIVISÃO DE OPERAÇÃO DE CONCURSOS VESTIBULARES - DOCV
 VESTIBULAR EAD UEMA 2019

**RELAÇÃO NOMINAL DE CANDIDATOS CLASSIFICADOS
 SISTEMA UNIVERSAL DE VAGAS**

CAMPUS: ITAPECURU MIRIM

CURSO: 1602 - MÚSICA LICENCIATURA - ITAPECURU MIRIM

ORDEM	INSCRIÇÃO	NOME	DOC. DE IDENTIFICAÇÃO	MÉDIA FINAL	SEMESTRE
1	18010032692-4	KLEBERT JHONE SANDES LAGO	0127631319992-SSP/MA	683,45	1º./2019
2	18010004142-1	ROGERIO D ECA MENDES	500-SSP/MA	622,64	1º./2019
3	18010005249-6	ESTENIO ROSA SERRA	0415692820113-SSP/MA	610,96	1º./2019
4	18010018400-5	DAYANY ROSA DIAS	0359532920089-SSP/MA	608,95	1º./2019
5	18010001811-9	KLEYTON DA CONCEICAO DE JESUS	0594263920164-SSP/MA	573,86	1º./2019
6	18010017562-1	SIMONE SILVA PIRES FERREIRA	271486078-SSP/RJ	570,69	1º./2019
7	18010008953-9	JULIO CESAR BRITO VIEIRA	0492911020130-SSP/MA	558,62	1º./2019
8	18010030234-8	JEFFERSON RODRIGUES MASCARENHAS	1110283994-SSP/MA	549,21	1º./2019
9	18010005368-4	ANDREY NICOLLAS COSTA DE SOUSA	238990220030-SSP/MA	547,48	1º./2019
10	18010002645-9	MARCIO ALVES PEREIRA	0311159320068-SSP/MA	540,22	1º./2019
11	18010002296-3	JANSLEY ROANDERSON SILVA MENDES	316978949-SSP/MA	536,62	1º./2019
12	18010021495-5	EMERSON RUBENS GOMES DOS SANTOS	0409316420108-SSP/MA	535,82	1º./2019
13	18010019358-8	EZEQUIEL VIEIRA SOUSA	06693336220183-SSP/MA	529,98	1º./2019
14	18010009585-1	ERIKA CORREA ARAUJO	0413870520119-SSP/MA	527,20	1º./2019
15	18010011940-3	LETICIA MELO SILVA	0536024520140-SSP/MA	520,90	1º./2019
16	18010021762-8	JENNEFER PEREIRA MACIEL	1225248997-SSP/MA	519,38	1º./2019
17	18010017767-0	NAIANE MEDEIROS LIMA OLIVEIRA	0268680020032-SSP/MA	514,22	1º./2019
18	18010009588-2	ARLINDO SILVA FILHO	0482547220132-SSP/MA	512,96	1º./2019
19	18010004636-5	RITA MARIA GOMES ARAUJO	128848419991-SSP/MA	509,73	1º./2019
20	18010013445-1	FABRICIO DA SILVA PEREIRA	0399580920103-SSP/MA	506,01	1º./2019
21	18010020761-2	JEAN DE SOUSA RIBEIRO	0195625920029-SSP/MA	500,92	1º./2019
22	18010008949-2	JOSE FABIO BRITO VIEIRA	0536023220143-SSP/MA	497,54	1º./2019
23	18010020889-3	MIGUEL SOUZA DOS SANTOS	0329050320079-SSP/MA	485,59	1º./2019
24	18010007468-9	SILAS DA SILVA GOMES	0001064874999-SSP/MA	483,57	1º./2019

25	18010023705-3	MANOEL ADAO VIANA RODRIGUES	256441320033-SSP/MA	477,37	1º./2019
26	18010021783-3	ROSANA DE JESUS CARVALHO	0321928420065-SSP/MA	468,92	1º./2019
27	18010018383-1	VAGNER MENESES ALVES	0386451220099-SSP/MA	467,36	1º./2019
28	18010020845-9	ANTONIO DJALMA GONCALVES BEZERRA BARROSO	0420586920113-SSP/MA	460,83	1º./2019
29	18010001974-1	MARCELO ALVES PEREIRA	128591119996-SSP/MA	458,91	1º./2019
30	18010021094-0	JOAO CARLOS DANTAS DE OLIVEIRA	013151202005-SSP/MA	453,77	1º./2019
31	18010019310-6	LUCAS VIEIRA SOUSA	0533684320146-SSP/MA	438,19	1º./2019
32	18010015628-6	FRANCISCO CHAVES	0000636599965-SSP/MA	435,97	1º./2019
33	18010010337-2	JOAO MARCOS BRITO VIEIRA	0536022120145-SSP/MA	427,11	1º./2019
34	18010016172-3	HENRIK SOARES ANTOS	0535066020145-SSP/MA	422,12	1º./2019

Total: 34

Data do relatório: 25/02/2019 Página 83 de 179